

VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



ANO II — N.º 67 — LISBOA, 27 DE AGOSTO DE 1942
PREÇO: 1 ESCUDO

AR, MAR, SOL E ALEGRIA — eis no que pode sintetizar-se o prazer do veraneio em praias portuguesas que atinge agora o seu auge e de que o grupo que figura nesta página é risonha amostra. (Foto Seródio).

Foi sugerida á Rússia a paz separada com a Alemanha?

Uma crónica de Francisco Velloso

POR entre o vasto rumor de escândalo que a necessidade de uma Segunda ou Nova Frente tem suscitado, desde que o commissário russo dos Negócios Estrangeiros, Molotov, em seguida á assinatura do tratado de aliança anglo-russo em Londres e á do acôrdo russo-americano em Washington, declarou aos jornalistas: «Chegou-se a completo acôrdo a respeito da abertura dessa frente em 1942.» — atravessou súbitamente a imprensa mundial nos princípios de Agosto, a informação, primeiro como atoarda indistinta, depois com certos delineamentos, de que a Rússia poderia fazer uma paz separada com a Alemanha.

A notícia surdida com uma oportunidade flagrante e uma pontualidade quasi cronométrica, visivelmente introduzida por mão de jogador...

O exército alemão, depois dos dias negros de Rostov, conseguiu abrir a campanha do Cáucaso ultrapassando o Don, e apressentava-se na grande curva do mesmo rio, a menos de cem quilómetros do Volga e das vias de comunicação para o norte e das de transporte do petróleo. Em Londres, o mais ponderado dos jornais, o «Times», fêz estalar o alarme. A ofensiva de Von Bock punha em riscos a utilização de nove decimos do precioso combustível e obrigava a encerrar a defesa do Cáucaso e do Próximo Oriente.

As massas operárias daquém e d'além Atlântico em «meetings» ou desfiles prometiam — como as mulheres londrinas que desfilaram ante a residência do Primeiro Ministro — trabalhar o débito, contanto que se passasse ao ataque. As oposições mais ou menos declaradas tomavam conta destas reclamações e davam-lhes vulto. Hoare Belisha escrevia na imprensa argentina um artigo pessimista em que antevia a queda vertical da Rússia. Lady Astor, a famosa Egeria da política desertora do falecido Chamberlain simbolizada no Pacto de Munique que estranholou a Checoslováquia e desamparou a Polónia, reaparecera em público a insinuar, sob os protestos trabalhistas, o velho «slogan» do pânico anti-comunista ante uma vitória eventual de Moscovo.

Todo o serviço da propaganda alemã explorava, directa e indirectamente, esta conturbação desorientada, marcando aos pontos vantagens evidentes, na perfuração do campo adversário, por meio de uma hábil ofensiva psicológica aos nervos do inimigo.

Acaso—preguntava-se—não poderia agora repetir-se por motivos de igual força, a situação de 1939? Não havia sido, agora como nesse tempo, a Rússia, abandonada por ingleses e americanos, forçada a defender-se sózinha contra a Alemanha que Adolfo Hitler mobilizara em peso contra ella e só contra ella, diante dos seus aliados que se limitavam a mandar-lhe

engenhos de guerra?

E a marcha desta dúvida sobre a coragem moral e física de ingleses e americanos ia empanando pouco a pouco, como as manchas do sol em eclipse, o prestigio de dois homens-simbolos das Nações Unidas: — Churchill e Roosevelt.

Ao mesmo tempo, começavam a correr boatos de fadigas e dissidências dentro da Rússia, onde, segundo constava, Estaline tivera de mandar fusilar trinta conspiradores que preparavam um golpe, um «putsch», contra elle.

Neste ambiente pesado, a noticia duma paz separada infiltrou-se sem custo. Era quasi lógica...

No entanto, a recordação de que no tratado de Londres havia, como no pacto anterior de que Stafford Cripps fôra sinatário, a cláusula expressa de que a nenhuma das nações contratantes era permitido assinar separadamente a paz com Hitler, abalava alguns espiritos. E começou a perguntar-se se efectivamente o rumor havia fundamento ou se apenas se tratava de mais um episódio dessa guerra de nervos que acirrava as inquietações dos povos ou os tolhia de pavores.

Então, os correspondentes dos jornais suíços em Berlim, talvez no afã de obterem um successo sensacional, apressaram-se a informar as suas redacções, e dentro em pouco, a trama começou a revelar-se «par l'envers du décor». O «Tat», de Berne, firmado em comunicações do seu correspondente na capital alemã, descobria ao público que «os boatos de paz separada tinham nascido depois de uma declaração feita pelo representante do exército japonês em Berlim, o qual dissera que a Rússia viria a ser forçada a fazer a paz com a Alemanha se, por qualquer razão, a Inglaterra e os Estados Unidos não pudessem continuar a fornecer-lhe material de guerra».

Ao verem a ponta da meada, os informadores suíços seguiram-na. O «Journal de Genève» avançou uma allusão a sugestões em Moscovo, que não teriam sido recebidas, e referiu que a Wilhelmstrasse, sem denegar o facto, observara aos jornalistas estrangeiros que o representante japonês não poderia ter evocado a hipótese duma paz separada sem a interpretar como «uma capitulação do exército vermelho sem condições». Ficava assim prevenido o caso da attitude alemã ante uma rejeição de Moscovo.

Mas a «Tribune de Lausanne» foi mais além e concretizou:

«A diplomacia japonesa dedica-se a convencer o governo de Moscovo de que seria possível concluir a paz entre este e o Eixo em condições muito vantajosas...»

Quais essas condições?

«Na Ásia, a Rússia encontraria suficientes compensações ás suas perdas territoriais na Europa. Em poucas palavras: Consentiria a Rússia em voltar a ser uma potência asiática? A Rússia possui um território tão vasto e, por isto

mesmo, tão grande liberdade de movimentos que os seus próprios adversários necessitam do seu consentimento para um novo «modus vivendi», seja qual fôr a possível extensão do seu desastre militar. Mas a Alemanha não poderia ter a certeza de lograr uma vitória estável a leste, senão quando o governo de Moscovo consentisse em partilhar dos pontos de vista dos sinatários do Pacto Triplice...»

E agora, um pouco de história, e história da Rússia.

Há cerca de sessenta anos, formulou-se na politica dos Czares, talvez ainda sob a influencia das tradições da reacção patriótica sobrevinda á Guerra da Crimeia, segundo a qual a Santa Rússia se opunha á Europa Paganizada — uma interrogação trágica: — A Rússia é o mais occidental de todos os Estados asiáticos ou o mais oriental de todos os Estados europeus?

Um político russo de grossa costela germânica, membro do Conselho do Império, o famoso Barão de Rosen, respondia a esta pergunta, proclamando que «a grande ideia eslava era despidida de qualquer fundamento e conteúdo para a Rússia» e convidando esta a dizer adeus ao Ocidente e a «regressar á Ásia».

E escrevia:

«Abandonando á Alemanha a supremacia na parte occidental da Europa e desinteressando-se completamente da rivalidade entre as

potências europeias no terreno dos interesses puramente europeus, a Rússia garantiria a segurança das suas fronteiras occidentais e ficaria com as mãos livres para realizar a sua missão na Ásia. Porque a Rússia é acima de tudo uma potência asiática.»

Não há na sugestão nipónica revelada pela «Tribune de Lausanne», a reedição destas palavras e calculados pensamentos do barão de Rosen, que orientaram em S. Petersburgo toda a politica de perfeito aliado de Berlim? Atrás delias, para «abandonar a Europa a si mesma», a Rússia marchou para as fronteiras da Coreia e para Porto-Artur — á procura da Ásia... e afinal encontrou lá outra vez a Europa, num Estado europeizado e rival com quem, em 1905, teve de travar uma guerra catastrófica — o Japão! Neste meio tempo, de alguns anos, o Kaiser Guilherme II instaurou a sua politica balcânica, empolgou a Turquia, appareceu de espanto em estrondosa visita aos Lugares Santos e projectou a Caminho de Ferro de Berlim a Bagdad. Enquanto a Rússia procurava a Ásia, elle procurava o petróleo. A marcha alemã para leste, é ainda o grande sulco da offensiva do Reich. Sômente o convite do Barão de Rosen á politica russa para que se afaste do caminho da Alemanha, quem o faz agora é o seu vencedor de há trinta anos — o Japão, o chefe da Nova Ordem asiática. E Estaline preferiu a Europa.

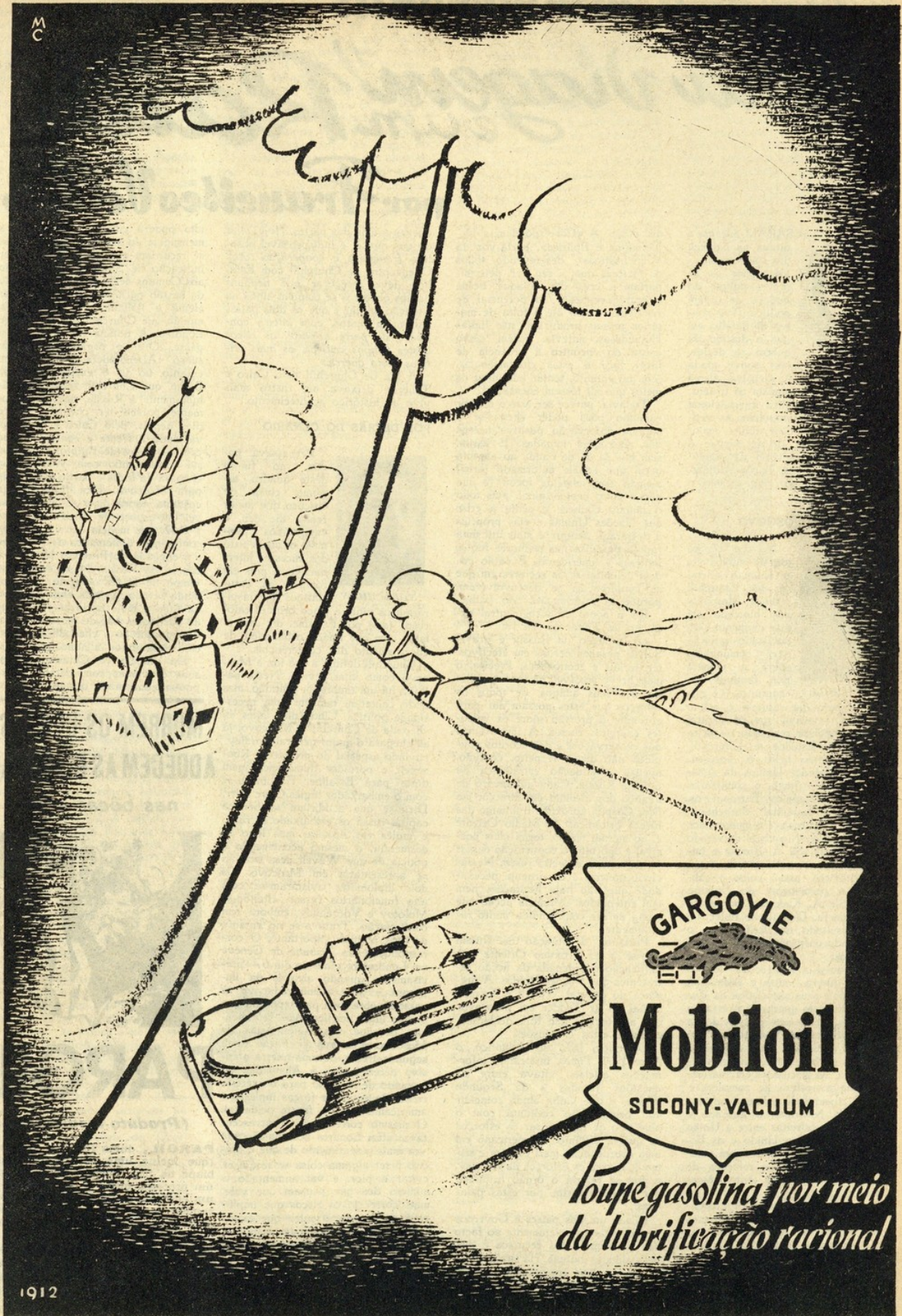


UMA DELEGAÇÃO DA «MOCIDADE PORTUGUESA» visitou recentemente Marrocos, a convite das autoridades locais, e obteve ali caloroso acolhimento. A foto mostra-nos um curioso grupo dos rapazes antes da partida.

Vida MUNDIAL
Illustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

M
C



GARGOYLE



Mobiloil

SOCONY-VACUUM

*poupe gasolina por meio
 da lubrificação racional*

1912

panorama internacional

Uma viagem! Raid,

por Francisco Velloso

DESARAM durante a oitava na balança dos acontecimentos menos os de ordem militar do que os de ordem política. Nos campos de batalha em que o destino da guerra se decide, não houve ainda a ofensiva alemã

— o golpe que conquista os trófeus. No campo da política internacional um facto quasi monopolizou as atenções mundiais, com tanto maior absorção quanto elle se prende á transformação inadivél da condução da guerra pelas Nações Unidas. E pertence-lhe por isto mesmo o primeiro lugar.

A VIAGEM A MOSCOVO



CHURCHILL

No dia 17, os jornais publicavam o anúncio official de que Churchill visitara Moscovo, não havendo até esse momento sido publicado qualquer comunicado sobre a viagem por motivos de segurança. O que nesse mesmo dia resumia o relato da visita, revelava que na capital russa se haviam realizado negociações entre Estaline e Churchill, participando nelas o representante dos Estados Unidos da América Avrell Harriman, o commissário russo dos Negócios Estrangeiros, Molotov, o marechal Vorochilov, por parte da Rússia, e o embaixador inglês Clarc Kerr, o chefe do estado maior imperial Sil A. Brocke e outros representantes das forças armadas británicas, assim como o subsecretário permanente do Foreign Office, Sir A. Kadoğan, por parte da Inglaterra. Quanto ao objectivo e ao resultado da conferência, o comunicado comprimia-o nos seguintes termos:

«Chegou-se a numerosas decisões sobre a guerra contra a Alemanha Hitleriana e seus associados na Europa. Esta justa guerra de libertação ambos os povos estão resolvidos a levá-la até ao fim, com todo o seu potencial e energia, até á destruição completa do hitlerismo e tiranias semelhantes. As discussões efectuaram-se numa atmosfera de completa e cordeal sinceridade e houve oportunidade de reafirmar a amizade e compreensão estreitas entre a União Soviética, o Reino Unido e os Estados Unidos da América, em completo accordo com as relações de aliança já existentes entre esses países.»

A partir desta altura, os comentários, lançados a aventar hipóteses sobre o objectivo real das conferências, ferveram e referveram. Os alemães, o italiano de Gayda e o japonês, para não falarmos nos de certos sectores franceses, quasi á uma bateram na tecla já consabida das dificuldades británicas sem adiantarem

um passo. A «Correspondência Diplomática e Política», porta-voz da Wilhelmstrasse, descrevendo todos os factores que, a seu ver, determinarão a crise dos Aliados, desde o enfraquecimento do potencial de resistência russo até á falta de matérias primas produzidas nas Indias Holandesas, antevia, porém, como causa do encontro a urgência de fazer face a estas circunstâncias, sem, no entanto, tentar adivinhar os meios que ali fóssem encarados.

Todavia, parece ser este o melhor caminho para poder chegar-se a alguma observação positiva acerca das resoluções tomadas. E assim, sem que se dê de banda ao aspecto geral que aquêle autorizado jornal alemão especialmente focou (e que não é novo nem original, pois todo o mundo conhece e sente a crise das Nações Unidas e elas próprias a declaram) sempre é mais útil uma rápida pesquisa nas melhores fontes inglesas e americanas. E então podem delimitar-se os sectores em que as conferências se desenvolveram, porque as informações não faltam.

Eis o ponto de vista central explicito no *Times* do dia 18:

«A situação da Rússia é grave. Sofreu pesadas perdas em efectivos, territoriais e económicas. Precisa, o mais breve possível, de todo o auxilio dos seus amigos, de todos os esforços que estes possam dar para abrandar a pressão sobre os valentes exércitos russos. A importância das conservações e dos acordos atingidos não dizem respeito, contudo, apenas á situação estratégica da própria Rússia. Cada quilómetro de avanço dos alemães em direcção ao Mar Cáspio, aproxima o inimigo das forças británicas do Médio Oriente e, ao mesmo tempo, torna mais possível e oportuna a cooperação dessas forças com o exército russo. Nessas circunstâncias é de urgente necessidade que não haja hesitações nem mal entendidos acerca da acção que tenha de ser empreendida muito rapidamente.»

Portanto, a situação da Rússia liga-se á do Próximo Oriente e á unificação coordenada da acção estratégica das Nações Unidas. A presença do general Wavell e do marechal do ar Tedder em Moscovo, que a principio não fora declarada, sublinha estas conclusões.

Do outro lado do Atlântico, o *New York Times*, invocando informações officiais, citava entre as questões tratadas a da Segunda Frente, o que vinha ainda coincidir «na organização conjunta com o objectivo de harmonizar os esforços de guerra britânico e americano em uma coordenação mais estreita e sistemática com os esforços da Rússia», a que se referia o órgão britânico que concluía assim, por estas palavras:

«Cada um dos países e Governos devem estar completamente ao facto dos problemas, dos recursos e das necessidades mútuas. Há razões para supor que esse entendimento mútuo não foi no passado tão absoluto como seria necessário, mas essa circunstância não seria de censurar

apenas a uma das partes. Hoje, mais do que nunca, é indispensável absoluta franqueza e cooperação total. O encontro de Churchill com Estaline deve assegurar que nenhuns pontos obscuros se mantêm ainda na situação militar e que os dois países enfrentam juntos, com inteira confiança de parte a parte, os riscos destes tempos críticos, os mais críticos desta guerra.»

A ida de Churchill pelo Cairo e Teherão deixava um rastro mais vivo ao histórico acontecimento.

POR DETRÁS DO CENÁRIO



VOROCHELOV

Perpassava porém, no fundo deste quadro, alguma coisa de obscuro, que maior realce lhe deu, e cumpre-nos assinalá-lo no registro dos sucessos internacionais, pois ela rompeu os entusiasmos que inspi-

raram os vinte e cinco brindes calorosos (seis por Estaline, diz um relato) com que findou o banquete de encerramento das conferências.

Churchill definiu a sua ida a Moscovo como «um dever». Nesta palavra há um timbre de gratidão, mas pode coater-se também uma necessidade política. Cindo dias antes da chegada de Churchill a Moscovo, já ali chegara o major-general Bradley, enviado especial do presidente Roosevelt e portador duma mensagem deste para Estaline. Encontrou-se com o embaixador inglês Clarc Kerr. Dizia-se que acudiriam também á capital russa os embaixadores russo e inglês em Ankara, mas logo se desmentiu, o mesmo acontecendo á noticia de que Wavell nesa ocasião se apresentaria em Moscovo. Os dois diplomatas avistaram-se com alto funcionários russos, citando-se Molotov e Vorochilov, embora sem confirmação. Tratava-se no entanto de uma reunião importante. O correspondente da *Tribune de Genève* em Londres recolhia no dia 6 — precisamente quando através da imprensa suíça e alemã radiavam as versões sobre uma paz separada que noutra lugar explicamos — a indicação de que nas conferências de Moscovo se tratava da criação duma segunda frente, de uma guerra ofensiva aérea contra a Alemanha, do aumento de material para o exército russo, do envio de forças inglesas e americanas para a frente occidental. O mesmo correspondente acrescentava: «Em Londres acentua-se cada vez mais o sentimento de que é preciso fazer alguma coisa se se quiser evitar o pior, e vai aumentando o número dos que pensam que vale mais correr já os riscos que implicará a segunda «frente» que exporem-se a ter que combater mais tarde todo o exército alemão.»

Que se passou? O major-general Bradley ao cabo das conferências limitava-se a dizer que se cuidara somente do auxilio de material á Rússia mas acrescentava que ainda

não pudera entregar a Estaline a mensagem do seu presidente. Todos se recordam que quando Atlee, por indicação de Stafford Cripps, veio aos Comuns declarar o encerramento da sessão parlamentar, as emissoras alemã e italiana espalharam pelo mundo que Churchill não estava em Londres. A noticia intrigou toda a gente. Ora, o órgão germanófilo sueco «Aftenbladet» publicava, no entanto, no dia 8, em telegrama de Berne, que Churchill se dirigira súbitamente á Rússia, onde efectivamente parece ter chegado quatro dias depois, pelo Cairo e Teherão, visitando a frente e conferenciando com os chefes do Egipto, e na Pérsia conversando com Wavell que chegara da India e partiu mais tarde para Moscovo. Fica fluido, como costuma agora dizer-se, e como se vê, um espaço de cinco dias, entre 7 e 12, que media entre o final da conferência diplomática de Moscovo e a chegada do Primeiro Ministro á capital da Rússia. Neste espaço de tempo há-de ter ocorrido algo que ainda se não vê, mas onde há fumo há fogo e mais tarde as revelações de bastidores hão-de mostrar o motivo porque só a chegada de Churchill desanuviou a atmosfera...

Da viagem de Churchill e das suas conversas com Estaline saíra porém confirmado o que antes es-

MORREM OS DENTES ADOECEM AS GENGIVAS

nas bocas sem



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que incluye uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. **NAS FARMACIAS E DROGARIAS**

crevera o *Journal de Genève*:

«Existem numerosas dificuldades, tanto políticas como sociais, que devem levar os Soviéticos a pôr de lado a tentação de deporem as armas, e talvez a situação militar não seja ainda desesperada. De todo e qualquer modo, os telegramas que se recebem de Moscovo não dão sinais de desânimo. Tendem mesmo a indicar que as condições da luta melhoram. A capitulação não é já para amanhã.»

De facto, desde 12 de Agosto, não há sensível alteração na batalha de leste, e os empenhamentos acusam uma condensação das resistências russas.

SANGUE E RAIVA



TIMOCHENCO

Naquê dia, as guardas da retaguarda russa continuavam a recuar em Armavir-Kropotskin e ao longo do caminho de ferro Rostov-Baku. Os alemães espalhavam-se armados até aos dentes pela zona petrolífera do Kuban, em chamas e ruínas. E só nesse dia o comunicado do alto comando germânico anuncia a entrada dos romenos em Jeisk, cuja conquista já fora clamada na semana transacta. Isto quer apenas dizer que o russo se apega ao terreno com afinco. Abre-se, no entanto, a luta do ataque alemão na curva do Don. Primeiro é em Rotelnikovo, com vagas de «tanks». Depois alarga-se para Kletskaia. A irrupção para sul, refreada ao longo do Mar Negro, atinge apenas Piapigorod. Vê-se o efeito da chegada das reservas que Timochenco atrai para a batalha, ali e ao norte, numa distribuição calculada que apenas procura, e em grande parte consegue, refrear lentamente o adversário. Cherkessk cai a 13 e os russos, já em terreno montanhoso, dominam as posições. Aparece um nome novo nas escalas da retirada russa: Mine-ralye Vodi. Um braço alemão pretende, como bissetriz, atingir Elista, a capital da região dos Kalmucs, para tomar os defensores de Kotelnikovo pelo sul e alcançar Astrakan.

Desde então torna-se visível que a batalha se duplica. A medida que a ofensiva de Von Kleist se aproxima do Cáucaso, os russos têm mais pé. Já a 14 a agência francesa insuspeitamente se reserva:

«O avanço dos alemães é certamente lento e a defesa dessas estradas de montanha é relativamente fácil para os soviéticos. Na região de Maikop, as tropas alemãs não parecem ter progredido sensivelmente. A parte mais activa compete à aviação que, mediante ataques a baixa altura, tentará dispersar as concentrações das tropas soviéticas. A tarefa mais difícil está ainda por realizar, porque as tropas alemãs, para atingirem o porto de Sukhum no Mar Negro, têm de passar pela garganta que se encontra a 2.618 metros, a igual distância dos cumes de Eibruz e Psisj. Mais a leste, na região de Piapigorod, ocupada há quatro dias, travam-se combates violentos nas imediações de Georgievsk.»

E no dia seguinte: «A resistência russa não mostra sinal algum de enfraquecimento». A 18 e 19, os alemães entram em Krasnodar, ameaçando os portos de Tuapse e Novorossisk, e conglobam o máximo dos efectivos dos seus reforços para a travessia do Don contra Estalino-grado. Surde o nome de Von Mans-stein, o conquistador de Sebastopol, e as tropas alemãs que nesse dia se

lançam, trazem o cunho das que éle comandou. Assim, ao findar da oitava, o empenho alemão no sul pode dizer-se que entrou na cordilheira do Cáucaso em busca dos desfiladeiros, mas por isto mesmo retardará. De facto, o panorama da travessia da zona montanhosa não é fácil.

São cinco os desfiladeiros que atravessam as montanhas. A maior parte deles corta apertadas gargantas e a melhor via para manobras das «panzers» corre ao longo do Mar Cáspio, para Baku. Os alemães por ora encontram-se ainda a 600 quilómetros de distância do desfiladeiro chamado «a Porta Derbent». Em Maikop estão perto do primeiro desfiladeiro. Este dirige-se para Tuapse, na costa do Mar Negro, e é estrategicamente o menos importante de todos. A parte mais difícil do Cáucaso tem ainda de ser atravessada pelo avanço ao sul, ao longo da linha férrea em direcção a Skhun e aqui é possível fazer ir pelos ares os tunéis e bloquear as estradas. Ao sul de Cherkessk encontra-se um desfiladeiro secundário que se dirige para Sukhum. As principais passagens militares atravessam os montes mais para leste, de ambos os lados do grande Zazbek, para a Geórgia. A parte mais importante desta estrada militar da Geórgia passa num desfiladeiro de 12 quilómetros de comprimento, com paredes de rocha de 1.800 metros de altura, por onde corre um rio com uma velocidade vertiginosa. O desfiladeiro é tão apertado que há apenas lugar para uma estrada por onde pode passar um carro. As colunas «Panzer» têm de construir pontes para atravessar esta altura que regula entre 1.800 e 2.000 metros, ou de contrário terão de subir até a uma altura de 12.000 metros. A leste destes desfiladeiros há apenas uma cadeia de montes impenetráveis, até se chegar à «porta de Derbent». Faltam dois meses para abrir caminho à força antes do rigorosíssimo inverno no Cáucaso.

A ofensiva alemã torna-se, pois, mais febricitante contra Estalino-grado. A 20, num sector estreito, a avalanche alemã atira-se para a passagem do Don. Os russos agientam-se em Kotelnikovo e reagem, mas a noroeste da capital do Volga, os alemães podem passar o rio ao fim de cinco semanas diurnas e nocturnas de combate. Durante a campanha psicológica da paz separada, lia-se, a 7 de Agosto, no *Journal de Lausanne*: «A Rússia ainda não está abatida militarmente ou, pelo menos, como dizem os lutadores, ainda não toca com os ombros no chão.»

E era certa a previsão. Os acontecimentos irão confirmá-la. Eis o destino da guerra.

DIEPPE



MOUTBATTEN

Foi precisamente quando a batalha da Rússia meridional atingia, no cotovelo do Don, o maior grau do seu esforço, e tão alto que um observador militar francês escrevia: «Os alemães têm pressa», que no dia 19 forças aliadas, do Comando Geral das Operações Combinadas, efectuaram um assalto ao porto de Dieppe, a 60 quilómetros de Ruão, sobre a zona da costa marítima francesa. Dado o vozeio quasi diário que punha em cartaz para breve a instauração da Segunda Frente, e dentro do ambiente, já atrás pinturejado, que rodeava de alertas a visita de Churchill a Londres, o estrondo da notícia alvercotou os ân-

imos. As multidões espécaram diante dos «placards». Acreditara-se que o audacioso golpe era a Segunda Frente em *ouverture*.

E não era. Avisando as populações francesas de que não esboçassem gesto de que lhes viesse sujeitarem-se a represálias, o comunicado do quartel general do Lord Luis Mountbatten, advertia logo de entrada que «não se tratava duma invasão mas apenas de um *raid*». E *raid* de experimentação e de reconhecimento, custoso e sangrento, com americanos, canadianos e franceses livres e ingleses, apoiados pela R. A. F. e pela esquadra, mas *raid* e nada mais. Dez horas volvidas sobre o desembarque, o resto das forças recolhia a Inglaterra. Em Saint-Nazaire, embora em muito menor escala, passara-se outrotanto.

Há-de distinguir-se neste caso dois aspectos, o militar, e o dos efeitos políticos eventuais, produtos das circunstâncias.

O objectivo militar foi claramente o que a Reuter indicava no próprio dia 19: «Pôr à prova as defesas alemãs, e fazer a experiência de desembarques e das possibilidades da R. A. F. em proteger esses desembarques». Não é com 10 mil homens que se cria a Segunda Frente porque nem o Comando britânico nem o alemão são constituídos por bonecos de cartão pintado. Ora, a este respeito, muito embora, os alemães respirem lógico contentamento pela pronta reacção que puderam por, ainda que avisados, o seu alto comando, como o inglês, (os correspondentes suíços em Berlim são a este respeito de uma unanimidade impressionante) consideram o acto como um «ensaio geral» e o alto Comando alemão considerou em especial a possibilidade do desembarque de «tanks» em correlação com o *fecto* da aviação de ataque. E o que rezam os telegramas, e os ingleses são os primeiros a reconhecer o poder das defesas no litoral, acrescentando até que devem ser muito mais fortes na Flandres.

Deixemos, portanto, esses altos e proficientes corpos directivos em seus estudos. Não somos nem podemos ser «técnicos», senão meros racionadores.

Pelo que respeita aos efeitos políticos, está cada qual no seu papel, e as pessoas serenas e de boa memória também não podem atordoar-se. Uma simples comparação reduz tudo às devidas proporções do jogo das propagandas reciprocamente adversas.

No dia 16 de Julho, os alemães espalhavam o seguinte e antecipado comentário: «O único problema que ainda preocupa os ingleses e «yankees» consiste em saber como poderão mascarar a quebra da sua promessa aos russos de criarem uma Segunda Frente. A este respeito surgem-se duas possibilidades. A primeira é a seguinte: — nada emprender e desculpar-se com fraseado, aludindo à crítica situação no Norte de África ou ao valor dos ataques britânicos à Alemanha Ocidental; a outra, simular a invasão do Continente, com o fim de ilubriar os próprios associados. Poder-se-iam desembarcar uns 15 mil homens e, após alguns dias, operar a sua retirada com a perda de metade deles. Depois declarar-se-ia que o momento para a criação de uma Segunda Frente ainda não tinha chegado.»

Vejamos agora como a imprensa alemã, seguindo admiravelmente e com a costumada perícia a mesma *consigne*, comentou o facto: O «Voelkischer Beobachter» observava que Churchill empreendeu esta tentativa de desembarque contra o conselho explícito dos técnicos militares, exclusivamente pela razão de que Estaline lhe impôs a obrigação de

agir. O «Berliner Boersen Zeitung» escrevia: «Aqui temos a famosa segunda frente: durante dez horas os ingleses e os americanos puderam satisfazer o aliado impaciente. O resultado desta tentativa foi uma catástrofe absoluta. Churchill quis talvez imitar as potências do «eixo» na esperança de surpreender o mundo com um golpe militar espectacular. Tal não sucedeu. O resultado foi apenas uma nova e incontestável derrota. As nossas forças armadas estão prontas a lembrar aos ingleses e aos americanos que nada têm a fazer na Europa. As frases de Churchill e Roosevelt não impressionam ninguém quando os canhões alemães começam a falar.»

E, como se vê, perfeita a paridade dos gestos e a correspondência dos textos.

O caso de Dieppe, tal como o de Saint-Nazaire, fica necessariamente para estudos militares. Não tem outro alcance, denigram-no uns, exaltam-no outros. Quanto ao seu custo, toda a gente sabe que nem por sorte, estas coisas se fazem sem grandes perdas, e não é isso que interessa aos comandos.

E O RESTO



PÉTAIN

Há a este respeito, uma face do acontecimento que merece atenção: — A atitude francesa, não do povo, mas do governo de Laval, e convém marcá-la.

Laval dedicou-se durante todos os meses de Julho

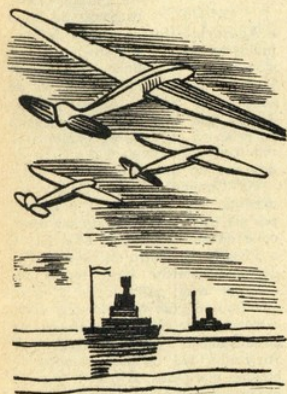
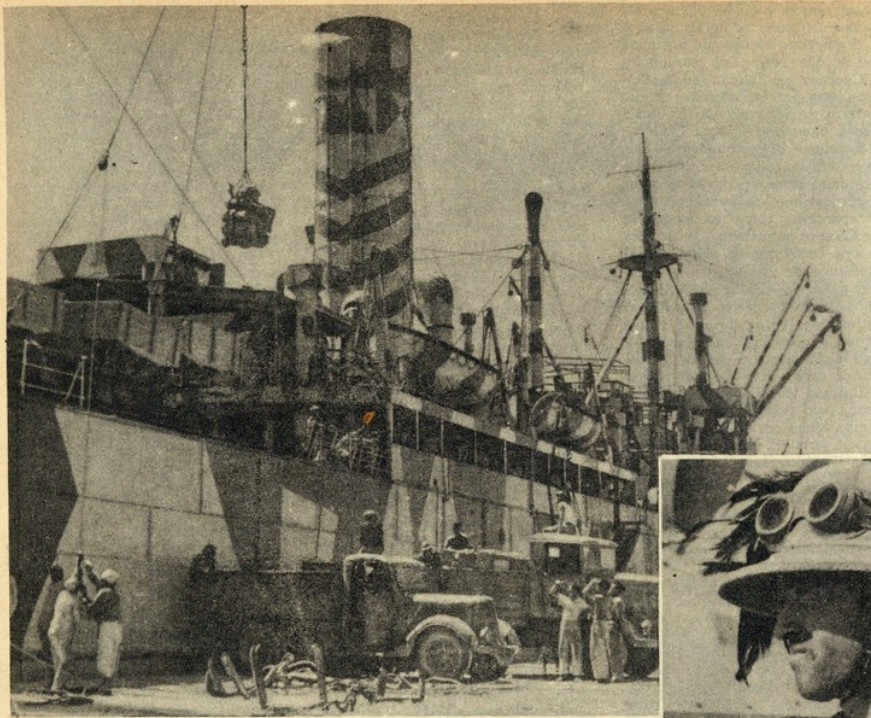
e Agosto a reforçar a mão de obra industrial alemã, em troca de prisioneiros. É a política uniforme de Vichy desde a rendição. Política de cooperação com a Alemanha. No dia 11, em Compiègne, a chegada do primeiro comboio de prisioneiros repatriados da Alemanha, o chefe do governo do marechal Pétain dizia:

«O Chanceler Hitler, pela grandeza do seu gesto, dava à França por ser ela, testemunho do seu apreço e da sua confiança. Mas isto é o passado. Encontro-me hoje no Poder precisamente para tentar começar essa política. Se é certo que deparo com dificuldades, certo é também que continuo confiado. As circunstâncias modificaram-se. A Alemanha viu os seus campos de batalha alargados. A guerra que ela prossegue a leste põe em causa toda a civilização europeia. Em combates gigantescos e vitoriosos, o Reich empenha todos os seus homens. A hora das libertações em massa passou e a Alemanha precisa de mão de obra. Para contribuímos para a actividade das suas fábricas, pedem-nos 150.000 especialistas e o Chanceler Hitler acedeu a que a medida que eles fossem partindo 50.000 prisioneiros nos fossem restituídos. Foi assim que a rendição começou.»

A causa alemã é posta junta à francesa, a da guerra ao bolchevista com a da humanidade para os prisioneiros. A arte de Laval continua. O Marechal, quatro dias depois em Puy, confirmava que «a França seria reconstruída na Nova Europa». A agência alemã aplaudiu em nota oficiosa de Berlim.

Ao mesmo tempo, e com estes generosos sentimentos, Laval podia entender-se largamente com o marechal Von Runstedt para uma combinação conjugada na defesa do país contra uma invasão dos Aliados e Franceses Livres e contra a rede muito extensa da agitação e represália que estes últimos montaram e demonstram.

Imagens da **ITALIA** na guerra



DE CIMA PARA BAIXO: Desembarque de material de guerra italiano dum comboio chegado à África Setentrional; motociclista italiano servindo as comunicações entre as tropas da frente em território egípcio; e uma bateria italiana em acção em El Alamein.

Figuras da Vida **MUNDIAL**



O ALMIRANTE DO REICH DOENITZ
que tem orientado e dirigido a
grande campanha submarina ale-
mã, visto pelo nosso caricaturista
SANTANA.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIII-Quanto vale uma esquadra

3

O EPISÓDIO DE DAKAR

U

M último incidente, até ocorrido em Setembro de 1940, veio, pelas condições em que decorreu e pelos pormenores dramáticos de que se rodeou, ensombrar irremediavelmente as relações franco-britânicas. Seria ainda a cidade de Dakar o cenário desse episódio. Mas ao contrário do que aconteceu com o «Richelieu», desta vez os ingleses não poderiam telegrafar aos seus aliados da véspera anunciando-lhes jubilosamente que da acção que julgavam necessário emprender não haviam resultado vítimas. O sangue correu e o abismo que já separava os governos dos dois países cavou-se mais fundo.

No dia 12 daquele mês, estando ainda vivos nas imaginações dos dois povos os casos penosos de Alexandria e de Oran, o telégrafo anunciou que passara o estreito de Gibraltar uma divisão de cruzadores franceses constituída pelas seguintes unidades: o «Georges Leygues», o «Montcalm» e o «Gloire». Pouco depois anunciava-se que a divisão de cruzadores era seguida por uma outra divisão de unidades ligeiras que incluía os contratorpedeiros, da mesma nacionalidade, «Audacieux», «Fantasque» e «Le Malin». Esta frota de guerra passou livremente o estreito e não foi alvejada pelas baterias de terra. Três dias depois, sob o comando do vice-almirante Lacroix, um oficial que gozava da inteira confiança do almirante Darlan, entrava em Dakar.

Neste porto encontrava-se, ainda, o «Richelieu» immobilizado, dois contratorpedeiros, três avisos, um transporte e cinco submarinos. Anunciando o acontecimento que não encontrava, de momento, qualquer explicação plausível, o governo de Vichy publicou um comunicado oficial em que se dizia: «Uma frota naval francesa acaba de se deslocar do Mediterrâneo para Dakar a fim de cumprir uma missão que se prende com a salvaguarda do nosso império colonial.»

Que razões ocultas haviam levado os ingleses a deixar atravessar o estreito de Gibraltar os navios que certamente se não destinavam a colaborar com o seu país? A indicação do nome do almirante Lacroix era, a esse respeito, definitiva. Certo é, porém, que apesar dela e das consequências possíveis que deveria acarretar, nenhuma precaução especial foi tomada ou porque a Grã-Bretanha não recesasse o caso ou porque o seu governo não quisesse, por uma acção intempestiva, prejudicar a execução de qualquer plano em vias de realização.

NAVIOS FRANCESES À VISTA

No dia 23 de Setembro, o pessoal de vigia na ilha de Goreia, em frente a Dakar, assinalou a presença, nas proximidades, de navios que ostentavam o pavilhão francês. Tratava-se de uma divisão de avisos composta pelo «Savorgnan de Brazza», o «Commandant Dubosc» e o

«Commandant Dominé», navios semelhantes, com uma tonagem de 2.000 toneladas e armados com peças de 138 mm. Tratava-se, evidentemente, de uma guarda avançada que era portadora dum segredo que não tardaria a revelar-se.

Coincidindo com o seu aparecimento, três aviões, dois deles ostentando as cores francesas e um inglês, voaram sobre a cidade que despertara ao anúncio da sua aproximação, lançando manifestos em que se lia: «Franceses de Dakar: Juntai-vos a nós para libertarmos a França. General De Gaulle». Era portanto de uma expedição de franceses livres que se tratava. Em Dakar, sobretudo entre a população branca bem informada, o seu aparecimento não causou grande surpresa. Desde a chegada do «Georges Leygues» e dos seus companheiros tinham-se feito na cidade várias prisões entre elementos acusados de simpatizarem com o movimento do general De Gaulle, o que ficou logo tido como um sintoma de acontecimentos próximos. Esta acção preventiva fora ordenada e dirigida pelo governador Boisson, um categorizado funcionário da carreira colonial justamente reputado pela sua competência e energia.

Dois dos aviões, que como mais tarde veio a saber-se, haviam descolado do porta-aviões «Hermes», que se encontrava ao largo, aterraram no aeródromo de Ouhkam e deles saíram os emissários do chefe do movimento da França Livre. Ao seu encontro foi um oficial, o major Lahorie, que não era a pessoa que esperavam encontrar. Ao receber voz de prisão o major Lahorie resolveu resistir e deu o alarme. Imediatamente acorreram outros oficiais da guarnição da cidade que prenderam os emissários de De Gaulle. As complicações com que este contava, certamente, em terra, não se haviam revelado. As medidas preventivas adoptadas pelo governador Boisson tinham impedido que elas se manifestassem e tudo o que ia passar-se seria a consequência inevitável dessa deficiência original que os factos se encarregariam de agravar.

O ÚLTIMO APÊLO DE DE GAULLE

Por volta das seis da manhã, o governador Boisson recebeu um radiograma expedido do «Savorgnan de Brazza» em que se dizia: «O general De Gaulle acaba de chegar a Dakar com as suas tropas para reforçar a defesa da cidade e para a reabastecer. Com ele encontram-se uma poderosa esquadra britânica e outras forças inglesas que apoiam a sua acção. Os enviados do general De Gaulle que foram a terra têm a missão de conseguir o livre desembarque das tropas francesas e de abastecimentos. Se conseguirmos desempenhar-se dessa missão, as forças britânicas não terão que intervir e não desembarcarão.» No palácio do governo de Dakar, o governador Boisson reuniu-se com o almirante Lacroix, que comanda as forças navais, e com o general Barran, que comanda as forças terrestres. A decisão é unânime: resistir ao ultimato de De Gaulle. A mensagem recebida não seria dada qualquer resposta.

Pouco depois anunciou ao governador que um gasolina se encaminha, a toda a velocidade, para terra. Conhecedor do que se pas-

sara com os primeiros emissários que enviara a bordo dos aviões, De Gaulle faz uma segunda tentativa para convencer os defensores de Dakar. A bordo do gasolina seguem outros emissários e entre eles um jovem capitão que usa um nome glorioso: Foch. É o neto do marechal que deu, vinte anos antes, a vitória à França e aos aliados. De terra alvejam o barco que o transporta. O capitão Foch cai atingido pelas balas disparadas pelos seus compatriotas.

Perante este novo malôgo das suas tentativas, De Gaulle não desiste. Sucessivamente envia para terra dois novos rádios, um às 8, outro às 9 horas da manhã. No primeiro insiste para que a população francesa da cidade se possa manifestar livremente com a esperança de que ela dê a sua adesão à causa que dirige. No segundo lança um último apêlo que é, ao mesmo tempo, o anúncio de uma acção energética a adoptar sem demora. «Foi aberto fogo do «Richelieu» sobre os oficiais franceses que enviei a terra. Se com os meus navios e os meus soldados não puder conseguir a missão de que me incumbi junto de vós, as forças aliadas que me acompanham entrarão imediatamente em acção.» Essa acção tornara-se inevitável e era para ela que, de ambos os lados, se preparavam.

TENTATIVA DE DESEMBARQUE

A bordo do «George Leygues», para onde seguiu, o almirante Lacroix fez os seus últimos preparativos. Na esquadra inglesa, que para ao largo e cuja composição ainda se não notara, os almirantes encarregados de apoiar o general De Gaulle fez o mesmo. Aquela hora é já evidente que se impõe uma acção militar. De terra tomam a iniciativa de alvejar os navios ingleses. Dêstes, para o primeiro rádio ameaçador: «Se continuarmos a atirar sobre os meus navios serei obrigado a replicar». O duelo inicia-se assim.

De bordo dos navios ingleses a resposta é violenta. O quartel general de Barran é atingido várias vezes. Há mortos e feridos. Alguns navios ancorados no porto recebem uma quantidade razoável de metralha. São o «Porthos», o «Tacoma» e o «Tamara». A bordo lavram grandes incêndios que os bombeiros, que acorreram imediatamente ao caso, procuram dominar. Mas o principal papel no drama de Dakar vai ser atribuído ao couraçado «Richelieu». Os órgãos que o movimentam estão inutilizados, mas as suas peças estão intactas. São essas peças, disparando incessantemente, que vão decidir da luta. Com êle colaboram os navios de guerra que o almirante Lacroix trouxera do Mediterrâneo.

Os gauleses resolvem então tentar o desembarque. Escolhem, para isso, a enseada de Rufisque, que fica ao norte da cidade, e que é, para aquele efeito, um local esplêndido. Os transportes que conduzem as tropas francesas livres encaminham-se para ali. De Gaulle envia ainda um radiograma, sem grande convicção. Os preparativos feitos em terra tomaram já uma tal amplitude que só a intervenção, com todos os seus recursos, da esquadra inglesa poderá impedir que a expedição se malogre completamente.

Durante a tentativa de desembarque o almirante Lacroix recebe ordem do governador

Boisson para se dirigir a Rufisque a fim de impedir que ela se realize. De bordo dos navios ingleses seguem, com atenção, as evoluções da esquadra francesa, decididos a não consentir que ela impeça o desembarque. Há, dum o doutro lado, a decisão firme de queimar os últimos cartuchos numa luta que dir-se-ia travada entre adversários de sempre, tal o encarniçamento com que a prosseguem.

O MALOGRO DA MISSÃO DE DE GAULLE

Quando a esquadra francesa, tendo as insígnias do almirante Lacroix arvorada no «George Leygues» saía de Dakar para Rufisque foi alvo de um intenso bombardeamento. O «Audacieux», atingido pelas poderosas cargas disparadas do navio de linha inglês «Resolution», afundou-se. A bordo registaram-se 83 mortos entre oficiais e guarnição. O mesmo acontece ao submarino «Persée». Estas baixas e estas perdas materiais levam de momento o almirante Lacroix a desistir da ideia de fazer sair os seus navios, tal a violência do fogo e do adversário.

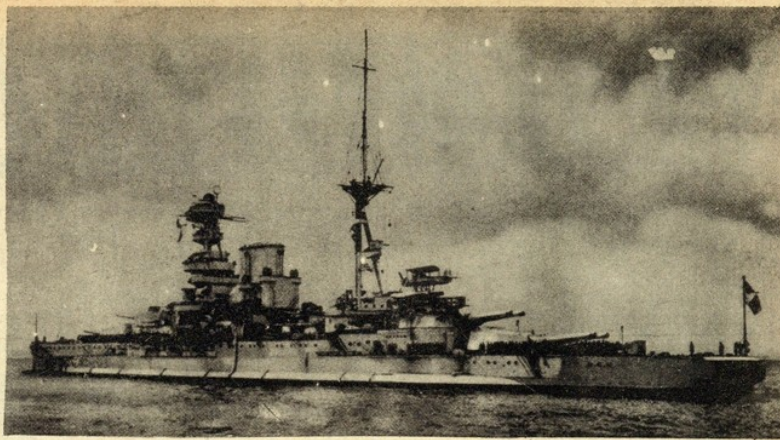
Entretanto, os transportes conduzindo as tropas de De Gaulle aproximam-se de Rufisque onde estava assente que se realizasse o desembarque. Mas por terra o governador Boisson conseguiu fazer chegar àquela local importante reforços. Logo que os transportes tentaram aproximar-se abriram contra eles um fogo certo que os obrigou a desistir. A protecção da esquadra britânica não bastava para que o desembarque pudessem fazer-se a não ser que os soldados gaullistas estivessem decididos a sofrer um número de baixas que seria certamente muito elevado.

Os transportes afastaram-se. Quando a noite começa a cair, o almirante Lacroix aproveita essa circunstância para fazer sair os seus navios. No ar sobem alguns aviões em missão de observação. Um ou outro é abatido pela artilharia anti-aérea que funciona a bordo e em terra. Succedem-se algumas horas de expectativa durante as quais será necessário tomar uma resolução extrema.

A missão do general De Gaulle, tal como inicialmente fora marcada, para realizar um desembarque em Dakar sem derramamento de sangue utilizando, para isso, da cumplicidade dos seus partidários que deviam agir na cidade, malograra-se. Na noite desse dia foi oficialmente anunciado em Londres que o chefe do movimento da França Livre, perante a incompreensão dos seus compatriotas, decididos à resistência, resolvera abandonar a luta. O comunicado publicado na capital britânica acrescentava que, acima de tudo, o general francês não desejava que corresse em Dakar o sangue dos seus irmãos de raça. Restava o duelo anglo-francês. O prestígio da Grã-Bretanha encontrava-se envolvido no acontecimento e essa circunstância condicionava o seu desenlace.

OS INGLÊSES VISAM O «RICHELIEU»

A batalha começa por uma troca de palavras. Palavras que mostram bem a decisão dos combatentes. O almirante inglês comunica para terra: «Desejando que os franceses não combatam contra outros franceses, o general De Gaulle retirou-se. São, porém, as nossas forças que agora estão prontas a atirar. Chegou a altura de falarmos. Nem as populações



O couraçado inglês «Barham»

francesas, nem as populações indígenas, que desejam ser livres, serão entregues à Alemanha e à Itália. Por isso comunicamos que desde que não sejam entregues, até às 6 horas da manhã do dia 24, todos os poderes ao general De Gaulle entraremos em acção. Iniciada, essa acção prosseguirá até que as fortalezas de Dakar sejam destruídas e a praça ocupada. Só a aceitação integral dos nossos condições pode impedir que acção iniciada prossiga até resolução final do assunto.»

O governador Boisson responde a esta mensagem, que corresponde a um verdadeiro ultimato, com algumas palavras que pouco depois chegam ao navio almirante inglês: «A França confiou-me a missão de defender Dakar. Defenderei Dakar até ao fim.»

Na manhã de 24 a esquadra inglesa inicia o bombardeamento da cidade. As baterias de terra e os canhões do «Richelieu» dão-lhe uma réplica atrozadora enquanto na ar sobem vários aviões partidos do «Eagle» em missão de observação. O «Richelieu» que constitui para os ingleses um perigo evidente, tornou-se o objectivo mais visado pelos canhões dos navios de linha britânicos. É atingido por várias vezes mas a sua artilharia não se cala. Inutilizado, o «Richelieu» constitui, de facto, um alvo magnífico.

Para o proteger, o almirante francês tenta o torpedeamento dos navios de linha britânicos. Para esse efeito o submarino «Ajax» sai em imersão do porto dirigindo-se para o «Resolution» que é o couraçado que mais activamente procura destruir o «Richelieu». Avistado e atingido, antes de ter podido desempenhar a arriscada missão que o almirante Lacroix lhe confiara, o «Ajax» afunda-se. Parte da sua tripulação consegue, porém, salvar-se sendo recolhida pelos ingleses. O mesmo fariam os franceses quando pouco depois se encontraram em circunstâncias semelhantes no decurso da batalha.

O DUELO DE ARTILHARIA

Na tarde de 24 a artilharia trôa sem cessar. Os navios ingleses disparam, incessantemente. A esquadra francesa dividiu-se em dois gru-

pos: no porto de Dakar encontram-se o «Richelieu» e o «Gloire»; na baía de Rufisque estão o «George Leygues» e o «Montcalm». Estes dois grupos têm ao seu serviço os contratorpedeiros que os protegem com as suas cortinas de fumo. Também os franceses disparam as suas peças sem descanço e em colaboração estreita com a artilharia de terra. Assim caía a noite de 24 de Setembro nas proximidades de Dakar.

A luta foi dura mas estava longe duma decisão nesa altura. A resistência francesa, mais enérgica do que certamente os seus adversários esperavam, levava já o general De Gaulle a abandonar a partida, ia acontecer o mesmo à poderosa formação naval britânica que se dirigia àquêle porto? O governador Boisson, ao felicitar as tripulações e os combatentes de terra, teve o cuidado de pôr os seus subordinados de sobreaviso a respeito de um optimismo prematuro. A noite seria apenas um compasso de espera e todos deviam preparar-se para o prosseguimento do combate.

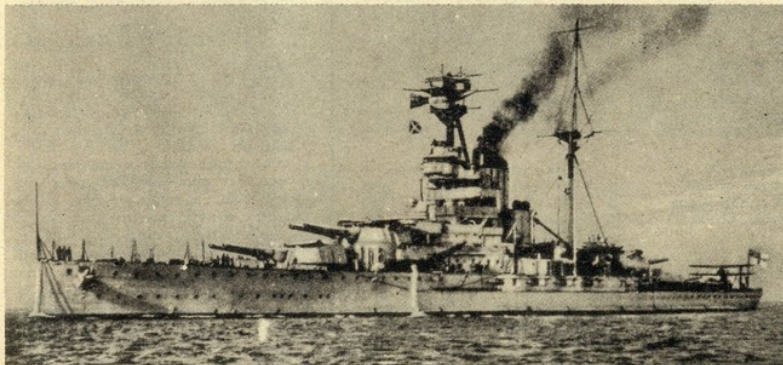
Mal clareou a manhã de 25, verificou-se que as previsões do governador Boisson se ajustavam rigorosamente aos factos. Em frente do porto, dois navios de linha ingleses, o «Barham» e o «Resolution», acompanhados por dois cruzadores de 10 mil toneladas e vários contratorpedeiros iam continuar a acção que a noite interrompera. Os aviões do «Eagle» continuavam na sua tarefa de reconhecimento, voando a grande altura. As 8 horas da manhã o duelo de artilharia prosseguia implacável.

Como ia terminar esse duelo? Estavam os franceses decididos a prosseguir uma luta para a qual se não antevia qualquer decisão próxima, perante a expectativa morosa de uma população entre a qual não faltavam, certamente os simpatizantes com a causa do general De Gaulle, os quais aguardavam apenas o momento propício para exteriorizarem os seus sentimentos profundos? O governador Boisson, que assumia a responsabilidade da resistência, previa com razão que esta só podia ser eficaz desde que se não prolongasse indefinidamente. E não era, decerto, continuando a disparar que se conseguiria uma solução rápida.

O ATAQUE A TORPEDO

Rapidamente foi decidido dar de novo a palavra aos submarinos. O ataque a torpedo era a única solução, e a solução que se impunha uma vez que a esquadra inglesa não deixaria de aproveitar mais aquele dia de luta para fazer calar a voz poderosa do «Richelieu» sobre o qual, incansavelmente, voavam os aviões britânicos. As experiências tentadas com o «Ajax» e com o «Persée» não eram encorajadoras. Mas os franceses estavam decididos a fazer uma terceira tentativa.

Dessa tentativa foi encarregado o submarino «Beveziers» comandado por um oficial cujo nome ficaria para sempre ligado à história do incidente de Dakar: o comandante Lancelot. O «Beveziers» espera a oportunidade e sai em imersão. É o momento em que os navios de linha britânicos começam a movimentar-se lentamente. Dirige-se então para o «Resolution» que atinge com os seus torpedos. Pretende fazer o mesmo com o «Barham» mas não



O couraçado «Resolution» que tomou parte no ataque a Dakar

(Continua na pág. 16)

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

A ambição de ser rico — eis a fortuna da lotaria. E caso curioso: o jogo condenado, desde velhas eras, por alvarás régios, acabou por converter-se numa instituição do Estado. A roda da lotaria foi criada em 1783, sob o patrocínio do duque de Lafões, e com manifestos fins de caridade — e de literatura. Na verdade — talvez muitos o ignorem — os eventuais lucros provenientes da lotaria destinavam-se, não apenas ao benefício dos hospitais e dos enfeitados, mas à manutenção da Academia Real das Ciências, que acabava de ser criada. A concessão limitava-se, de começo, a uma extração por ano. Não tardou, porém, que as extrações se multiplicassem. Hoje sabe-se a importância que a lotaria atingiu. Abriam inúmeras lojas destinadas quasi exclusivamente à venda de jogo. Os vendedores ambulantes multiplicaram-se, transformando-se em verdadeiros tipos populares da cidade. Certas extrações — a do Natal e a de Santo António — passaram a constituir autênticos acontecimentos nacionais. Numa palavra, a lotaria adquiriu um prestígio notável. Vivendo ao mesmo tempo da esperança e da realidade, criou uma ilusão que refloresce eternamente. Daí a sua expansão — e a sua popularidade. Se me perguntarem, neste momento, se jogo, responderei pela negativa — mas em verso. Em verso como o meu colega José Daniel que, em 1824, clamava tristemente na sua Voz da Fortuna:

Eu se vou às lotarias
Que têm feito gente rica,
Ou só tiro quanto deito,
Ou tudo por lá me fica.

AS CALÇAS VELHAS

OCTAVIANO de Sá, advogado «double» de jornalista, contava há dias na «Gazeta de Coimbra» esta anedota do grande mestre que foi António Augusto Gonçalves. Um dia encontrava-se o artista à porta da droguaria Rodrigues — de Coimbra, é claro — quando uma velhota conhecida pela *Pita Amarela* o chamou para uma espécie de confidência. Mestre Gonçalves, para que se não julgasse da velha qualquer incumbência suspeitosa, exigiu que ela dissesse o «segredo», em frente dos seus companheiros de cavaco.

— É que tenho lá umas calcinhas em muito bom uso que lhe devem servir.

A sr.^a Rita que lhe costumava vender roupas velhas para servirem de enxugadoiro aos modelos em barro do Mestre Gonçalves, pensava serem utilizadas como seu vestuário.

O POVO E A PINTURA

ALVARO Duarte de Almeida, porventura um dos melhores artistas da sua geração, dizia-me há tempos:

— Prefiro, para pintar, a gente do

PINGO DE TÓCHA



Ao dr. José Rodrigues Tocha, velho amigo e velho camarada, grande valor escondido numa proverbial modestia, uma modestia tão vasta que no dia do casamento foi de guarda-chuva para discretamente esconder a sua esplendorosa felicidade.

Não negues que ficas
Mais duro que a rocha
Se a gente que passa
Te trata por «Tocha».

Mas «Tocha» é teu nome.
Criou um renome,
A graça que tem!
Vê lá que alegria
Se Deus me fizesse
«Tocha» também!

Tu és o mais raro
Dos «Tochas», amigo.
E às coisas mais raras
Chama-se-lhe um figo!

Há «Tochas» esguias
Quais pálidas velas,
Mas porque são «Tochas»
São sempre amarelas.

Tu não: resplandeces
— Deixa-me-te dizer...? —
Ardendo na chama
Do teu próprio ser.

Tenho visto mil «Tochas»
Por aqui, por além...
Mas «Tochas» assim
Só tu: mais ninguém!

povo, Detesto aristocratas. As classes altas não têm, pelo menos para mim, interesse artístico — a não ser caricatural. Uma gravata e um colarinho de goma são, às vezes, um inferno!

NEUTRALIDADE

UM conhecido comerciante de roupas brancas com estabelecimento nesta cidade afixou na loja este letreiro, em grandes caracteres:

TOALHAS TURCAS
Só se vendem aos neutros

TEÓFILO BRAGA

TEOFILO viajava frequentemente em terceira classe. Um dia notaram-lhe:

— V. Ex.^a viaja em terceira?
Logo o conhecido escritor, com a maior naturalidade do mundo:
— Porque? Há quarta?

CORTE DE CABELO

SURPRENDEMOS uma tarde destas, num barbeiro, o dr. José Ribeiro dos Santos, chefe da redacção da *República*, cortando profundamente o cabelo. Estava envolto numa espécie de túnica branca, e guardava um ar, ao mesmo tempo ingénio e profético. Quando se levantou da cadeira deu-nos a ideia de que tinha ido à censura — perdão... — à tonsura!

INCOMPREENSÃO

HENRIQUE Roldão entrou uma noite na *Chic* e pediu um bife. Veio o bife.

— Eu não posso comer este bife...
O criado:
— Ora essal Garanto-lhe que está muito tenrinho.
— Não posso comê-lo, já te disse.
— Mas porque, senhor Roldão?
— Porque não tenho talher...

A GRAÇA DE CAMÕES

O dr. Hernani Cidade falou-nos, recentemente ao microfone, de Camões — gracioso. Há muito que o obscuro autor destas linhas procurou demonstrar, num artigo, que o autor dos *Lusíadas* era um dos nossos maiores humoristas. E é, não fazendo no padre António Vieira — que também era dos bons!

FALTA DE GASOLINA

A crise de gasolina veio limitar o uso do automóvel. Em troca, voltou-se ao antigo. O cavalo bate agora *son plein*. Ao lado da saltitante «vitória» e da leve *charrette*, surgem velhas traquinanas, de venerável pitoresco. Entretanto, a meu lado, murmura alguém para quem o seu «40 cavalos» era tudo:
— Ah! meu amigo, as estradas transformaram-se no Museu dos Côchos...

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

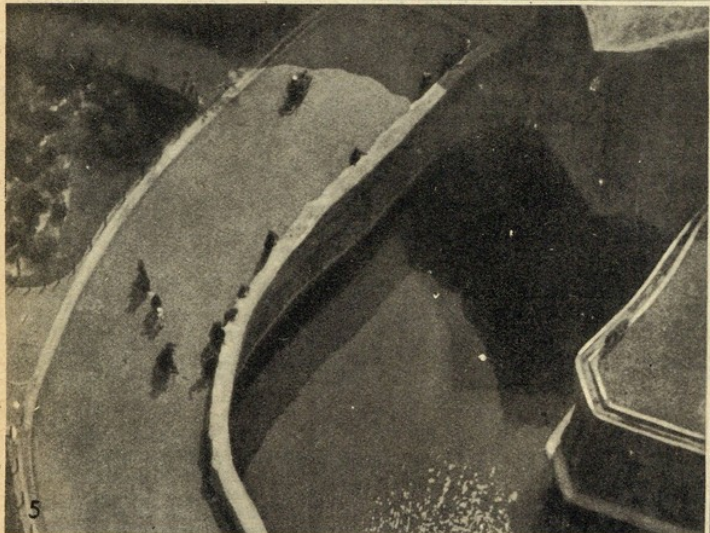
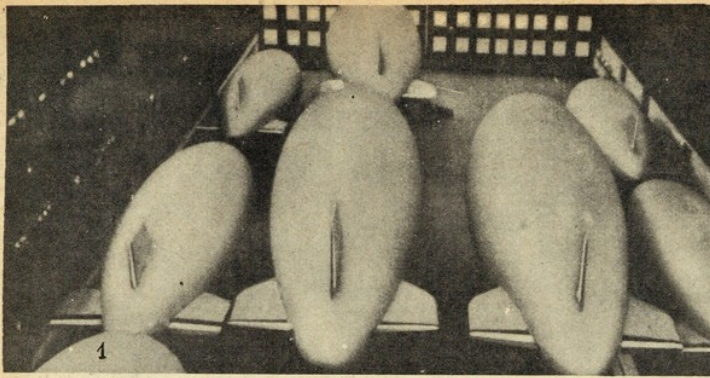


"Spitfires" voltam de um ataque à Alemanha

Vida
MUNDIAL
ilustrada

ESQUADRILHA APÓS ESQUADRILHA, os «caças» da R. A. F. haviam atravessado o Canal da Mancha para mais uma incursão sobre os territórios ocupados e a Alemanha ocidental. Pouco depois, os aviões regressavam, cumpridos os seus objectivos. Foi nesse momento que um fotógrafo hábil colheu os aparelhos nesta formação — asas abertas sobre as nuvens. Os engenheiros de guerra também, por vezes, simulam certa beleza...

Imagens pitorescas do MUNDO



1) Curiosa fotografia da recolha, a um «hangar», à noite, de vários balões de observação costeira da Armada americana.—2) Como anda vestido — traja completamente negro — o observador dum barco anti-submarino dos Estados Unidos.—3 e 4) Duas lótes do novo filme «Roxie Hart», em que, pela primeira vez, a simpática Ginger Rogers anda à pancada com uma mulher.—5) Uma vista do «Zoo» de Vincennes, vendo-se alguns dos animais ferozes a passear nos seus dominios.—6) A nova estrela cinematográfica de Hollywood, Mary Peggy — de quem os críticos americanos dizem ser a «revelação n.º 1» destes tempos de guerra.



DR. GETULIO VARGAS
PRESIDENTE DA REPÚBLICA BRASILEIRA

Na guerra, que alastra a todos os mares e a todas as terras, a todos os oceanos e a todos os continentes, acaba de ver-se envolvida a grande nação, irmã e amiga. O Brasil, país de admiráveis energias e de extraordinários recursos, tem em Getúlio Vargas o orientador de que necessitava para saber suportar e vencer os sacrifícios a que se impôs. Nesta hora grave do destino histórico do Brasil, Portugal, que apresentou já os seus protestos de amizade e simpatia ao grande povo atlântico, segue, com emoção, a carreira do grande estadista.



TEMPO

EM DISTRIBUIÇÃO A EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA DESTA BRILHANTE REVISTA DE ACTUALIDADES

EXEMPLAR: ESC. 2\$00

Distribuição da **AGÊNCIA INTERNACIONAL**
119, Rua de S. Nicolau — LISBOA



EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Dias	Ondas curtas
8.15	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
9.30	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
19.15	Segunda-feira, Sexta-feira	25.40 m. (11.79 mc/s)
		30.90 m. (9.70 mc/s)
		49.60 m. (6.04 mc/s)
20.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)
		31.02 m. (9.67 mc/s)
20.45	Sábado, Domingo	31.02 m. (9.67 mc/s)
	Segunda-feira, Sábado	19.56 m. (15.33 mc/s)
22.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



EVA CURIE (à direita), filha dos grandes cientistas franceses do mesmo nome encontra-se na América a tratar da organização da Campanha «Joana de Arc» de socorro aos prisioneiros de guerra e às crianças da França. Vemo-la na foto com Miss Morgan, figura em evidência no movimento feminino.

MENTIRAS

conversações

7

POR ZECO



— Eu sou o comerciante mais honrado da nossa praça!...



— Aqui tem V. Ex., minha senhora, um metro bem medido!...

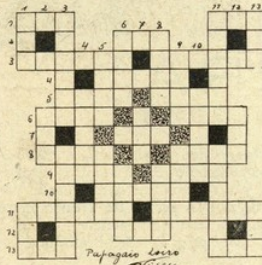
PARA BOAS FOTOS AO SOLO OU A SOMBRA use película **Kodak**

● Faz a "foto" onde e quando qualquer outra falha. A venda nas boas casas de artigos fotográficos.

KODAK, LIMITED—33, Rua Garrett—Lisboa

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 37



9—Atalhes; Perto. 10—Salitre
11—Aguças; Rigor. 12—Aceiro.
13—Bagatela; Labareda.

VERTICAIS: 1—Conhecer; Ocasião. 2—Arvore frutifera, espécie de oiti. 3—Seduzem; Género de plantas solanáceas. 4—Desporto (em inglês). 5—Rouba; Espécie de pomba bravo. 6—Coberça; Imposto de transmissão. 7—Agora. 8—Pref. (designativo de direito); Curva de abóbada. 9—Anagrama de Peão; Aplicar. 10—Matiz. 11—Funcionário público em alguns povos do Oriente; Traça. 12—Manto real. 13—Ao; Costa.

HORIZONTAIS: 1—Mancira; Grandes riquezas. 2—Sabujo. 3—Satisfaz; Vestigio. 4—Silvo. 5—Mortifica; Escolhe. 6—Estaca a que se liga a vide; Contração de advérbio e pronome. 7—Agastamento. 8—Lúgubre; Atemoriza.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 36

HORIZONTAIS: 1—Casa. 2—Tal; Carava; Foz. 3—Sovas; Alfim. 4—Tá; Alar; El. 5—Té; Rato; Ai. 6—Pise; Pá; Pérru. 7—Ir; Dom; Dôr; Ri. 8—Pá; Uta; Rir; Ir. 9—Adora; Mó; Rôsto. 10—Ar; Mala; Ea. 11—Du; Orar; Má. 12—Temor; Atura. 13—Sem; Sallada; Ama. 14—Raso.

VERTICAIS: 1—Pipa. 2—Mas; Tirada; Tér. 3—Lotes; Ordem. 4—Vá; Adur; Um. 5—Cá; Rôta; Os. 6—Caser; Má; Morar. 7—Ar; Lar; Mar; Lá. 8—Sa; Ata; Ota; As. 9—Avaro; Dr; Arado. 10—Al; Poir; Ta. 11—Fé; Erro; Mu. 12—Filar; Seara. 13—Tom; Irrita; Amo. 14—Oiro.

A SÍFILIS e o seu remédio

Combater a sífilis sem abalos no organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em tôdas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou ocupações do enfermo, consegue-se com o

DEPURATOL

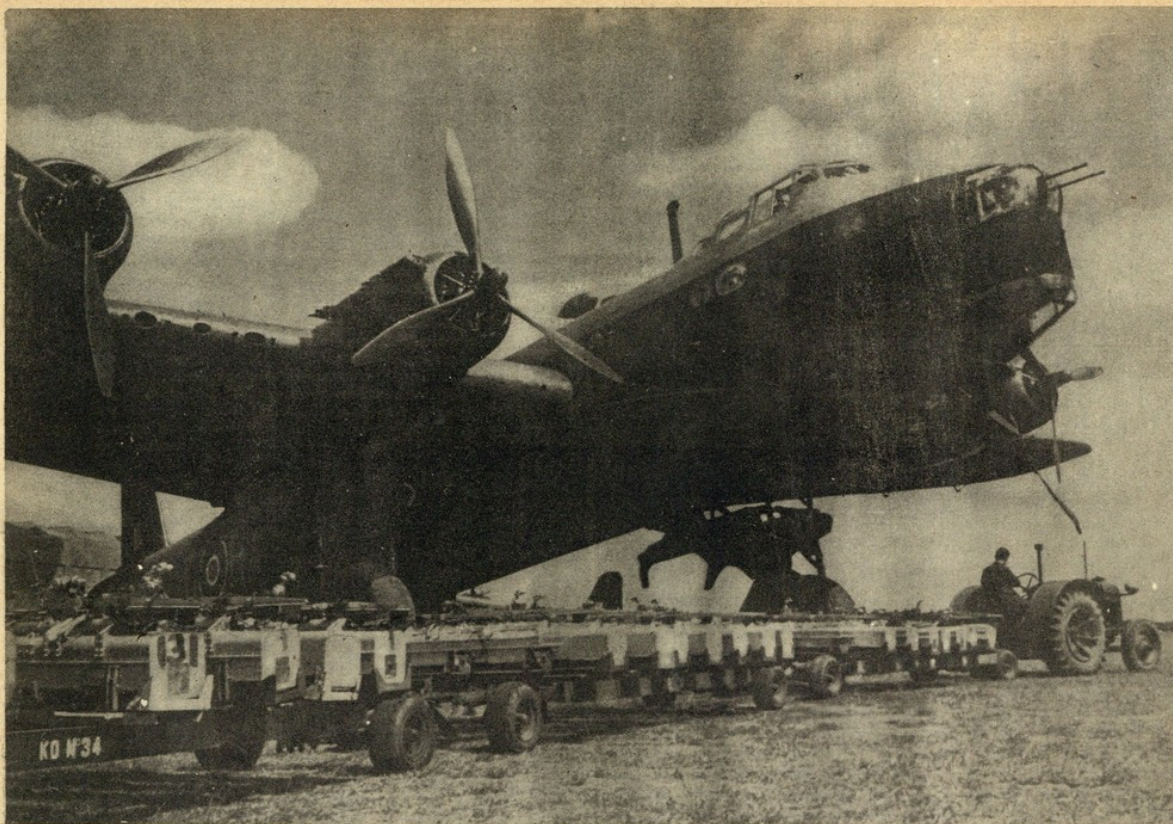
que logo de início dá alívios, bom apetite de comer e uma boa disposição de espirito.

Tubo, para quasi uma semana de tratamento—11500.
EM TODAS AS FARMACIAS

1942

O

VINHO do PORTO dos velhos tempos—corre o País autenticado pelo SÊLO de GARANTIA



O TRANSPORTE DE BOMBAS de grande peso e potência para uma «Fortaleza Voadora» aquartelada na Grã-Bretanha e preparada para um «raide».

HISTORIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 9)

tem a mesma sorte. É o «Richelieu» que o atinge com uma salva das suas peças de 380 mm., fazendo-lhe dois grandes rombos à proa.

Eram 11 horas do dia 25. A resistência francesa alcançara os seus objectivos principais. A desistência do general De Gaulle, sucedia a desistência do almirante inglês. Os navios de linha britânicos não podiam continuar a luta sem correrem o grave risco de se perderem. Nada indicava que o Almirantado e o governo de Londres quisessem correr esse risco. Por isso a esquadra encarregada de apoiar a

acção contra Dakar recebeu ordem para abandonar a luta e para se retirar. Foi isto que fez.

O «Resolution» e o «Barham» precisavam importantes reparações. Tornou-se necessário conduzi-los para um porto onde, com segurança, essas reparações pudessem ser feitas. A Grã-Bretanha sofreu um desaire que teria podido evitar-se no momento preciso em que o general De Gaulle, que o governo britânico se comprometera a apoiar, reconheceria que os seus amigos em Dakar tinha sido, pela acção preventiva do governador Boisson, colocados em

circunstâncias de o não auxiliarem. A publicidade dada ao episódio dramático de Dakar veio contribuir para aumentar a impressão penosa que ele deixou. A causa da França Livre sofreu também, de maneira sensível, com o desaire que, associada à Grã-Bretanha, ali teve.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

A CONFISSÃO ~ por Stuart de Carvalhais



— Já não há nada a fazer. Está perdido. O melhor é chamar o padre para o confessar...

— É preciso que o senhor se reconcilie com os seus maiores inimigos.
— Pois bem, senhor prior. Já que assim tem que ser, assim seja. Peça a minha mulher que me dê... um copo com água!...

EM DISTRIBUIÇÃO
O 2.º NÚMERO DE AGOSTO
DE _____

Sinal

A MELHOR REVISTA ILUSTRADA DA EUROPA

DO SUMÁRIO CONSTA:

6 DIAS DE LUTA NO OCEANO GLACIAL ÁRTICO —
TRAÍÇÃO À EUROPA —
A PARTICIPAÇÃO INGLÓRIA
DA INGLATERRA — ASSALTO
A SEBASTOPOL — A HISTÓRIA
ATRAVÉS DA MÚSICA

UM CONTO DE M. L. BIHAN

EXEMPLAR: ESCUDOS 2\$00

Distribuição de:

AGÊNCIA INTERNACIONAL
119, Rua de S. Nicolau — LISBOA

Esta máquina fotográfica



CUSTA SO'
80
ESCUDOS

toda Metálica · 6x9

J. C. ALVAREZ, L.^{DA}

TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
205 RUA AUGUSTA · 207 · LISBOA



A RAINHA GUILHERMINA DA HOLANDA, a primeira mulher estrangeira que entrou no Congresso dos Estados Unidos, falando aos representantes da grande nação norte-americana do esforço de guerra do seu país.

Que bons êles então eram!

Novela por Max Lux

ERA no momento mais frio da noite. A bateria do lado da colina acalrava-se havia pouco e um silêncio, que começara a invadir tudo, deixava ouvir a queda do sangue, gota a gota, nos balões de vidro.

Parecia uma madrugada de paz, entre aquêles corpos todos brancos envoltos em pano asséptico e suspensos pelas pernas... ali a um quilômetro das primeiras linhas, no pósto de extracção de sangue de cadáver para transfusão aos grandes feridos.

Mas deixemo-nos de realismo e vamos a outra história dos tempos em que, segundo dizem, havia mais bondade e menos brutalidade na Terra.

Era então, como dizíamos, no momento mais frio da noite; naquele em que toda a natureza dorme para de uma vez acordar pouco depois com os primeiros alvôres da manhã. Do límpido e calmo firmamento azul escuro, que desbotava, começavam a retirar-se as estrelas, ficando somente a bela Venus que antecedia o Sol, para avisar o mundo da chegada do astro rei.

O palácio dos Condes de Lorval começava a emergir da sombra, embora por enquanto todo êle fôsse uma grande mancha cinzenta, como de cinzas negras era a côr do abundante arvoredado que o rodeava; e a condessa envolta nos seus belos cabelos de ouro e enterrada em espesso fôfo colchão de penas dormia um sono que a frieza dessa ante-manhã de primavera tornava quente e sereno.

Não era, porém, da idade média esta madrugada de Abril, pois que o silvo que, ao longe, lá para as bandas do vale, se acabava de ouvir, era dado pela laringe metálica de locomotiva e não por invulnerável goela de medonho dragão. E êste silvo, êste grito da civilização atravessara a extensa queda floresta, as muralhas da senhorial residência e fôra fazer vibrar os tímpanos da tónica pessoa que, dentro do palácio, nessa madrugada dos fins do século passado, dera pela passagem do combóio.

Essa pessoa, um homem novo, magro e moreno, chegara ao palácio havia pouco; introduzira-se como se fôra um ladrão por uma porta escusa; percorrerá sem ruído os complicados corredores e escadadas, e entrara no quarto do dono da residência. Acendera tôdas as velas de um pesado candelabro, afugentando as trevas que deixaram ver um aposento guarnecido de mobília em que o mogno, o latão e alguns mármorees se apresentavam trabalhados em puro estilo império. Sentou-se a uma

escrevanhinha; da pasta que sobre ela se encontrava tirou fôlhas de papel: dispunha-se a escrever; mas, num sacão de imensa angústia, fincou os cotovelos no móvel e, por instantes, apertando as fontes, assim se conservou cismando.

Por fim, com decisão enérgica, pegou na pena e rapidamente escreveu, escreveu: cobriu as duas

crevas a carta que deixara sobre a secretária.

Lorval atravessou a pequena câmara e, entrando no amplo quarto de dormir, aproximou-se do grande leito «la Dauphine» onde repousava aquela que para êle tudo era. A tênue claridade de uma discreta «veilleuse» colocada em qualquer sítio do quarto con-

— Ouve, Dulce, pediu Lorval com voz trémula.

Só agora, porém, a condessa acordara e, em sobressalto, sentando-se no leito e encarando o marido, exclamou:

— Eduardo?... Como?... Então já?... Já voltaste?

— Sim... Não, meu amor— respondeu o conde abraçando a esposa.— Vou-me já embora. Esperam-me lá em baixo. Ontem à noite combinámos ser hoje e não amanhã a caçada aos patos na Lagoa Azul... Eis a razão por que, passando por aqui, não quis deixar de vir ver se a minha Dulce fazia bem 6-6.

— Meu Eduardo...— ciciou a condessa beijando apaixonadamente o marido.

— Agora, querida, tenho de ir-me embora... Estão lá em baixo à minha espera.

— Obrigada pela tua amabilidade, meu querido Eduardo.

Mas Lorval, como se subitamente lhe viesse uma ideia:

— Dize, Dulce: Direita ou esquerda?

— Como?— exclamou ela abrindo muito os seus formosos olhos.

— Sim, querida,— insistiu o marido com voz que contra a sua vontade começava a deixar de ser firme.— Direita ou esquerda?

— Direita ou esquerda?— repetiu a esposa indecisa.— Esquerda!— decidiu sorrindo.

— Esquerda?— exclamou o conde, a querer ficar absolutamente certo do que ouvia.

— Esquerda! Esquerda!— repetiu Dulce.— Está escolhido. Porque me perguntas isso?

E numa gargalhada, que dentro do peito do homem era um soluço, êle disse:

— Era para saber de onde me appareceria hoje o primeiro pato, se pela direita, se pela esquerda.

— Pela esquerda! Pela esquerda! Meu querido Eduardo— afirmou outra vez rindo a jovem condessa, porque não adivinhara que acabava de profetizar a sentença que dai a menos de uma hora conservaria a vida ou traria a morte ao marido.

Ao sair do quarto da mulher, Lorval sentiu as pernas tremerem-lhe; ia voltar atrás, para mais uma vez abraçar a sua loura Dulce; mas, reagindo, atravessou quasi a correr o «boudoir».

— Adeus, minha Dulce! E sem esperar ouvir a resposta, fechou a porta que communicava com o seu quarto.

Rapidamente substituiu o fato à caçadora, que usava, por uma sobrecasaca negra e tornou a sair do palácio, ao mesmo tempo que de seus ninhos as aves gorgearam as boas vindas ao sol nascente.

— E eu que tinha um presentimento de que ela escolheria a direita!— murmurava Lorval.

A meio do parque voltou-se e olhou a sua imponente moradia.



La dar ao gatinho, mas recordou-se de que era marido da doce e meiga Dulce, e o sangue subiu-lhe à face.

faces brancas de uma fôlha e, sem tornar a ler o que traçara, fechou-a num sobrescrito.

Deixou a secretária; olhou um momento o leito que, por não estar aberto, parecia demonstrar que o dono do palácio estava ausente e encaminhou-se para uma pequena porta que suavemente abriu. Estava no «boudoir» da loura condessa adormecida; uns passos mais e achar-se-ia na alcova de sua mulher, pois que, embora estranho pareça, era o conde o vulto que às escondidas entrara em sua própria casa, o homem que, trazendo à caçadora, acabara de es-

templou cheio de ternura a criatura adorada. Um arnesço lhe subiu a espinha, sentiu o começo de uma sulcação e a garganta a secar-se-lhe. Mas fechou as mãos com força e, resolutio, inclinou-se sobre a esposa, segredando-lhe:

— Dulce!

A loura adormecida sorria: ouvia o seu nome e reconhecera a voz—mas era certamente um sonho.

— Minha Dulce, tornou Lorval. E a condessa sorrindo sempre, mole, sonolenta, rodeou com os lindos braços o pescoço do marido, procurando-lhe os lábios.

All deixava todo o seu coração... E mesmo que Dulce não existisse, ali dentro, no seu palácio, no seu belo parque, tinha Lorval que abandonara a parcela de bondade que, como ser humano, era susceptível de possuir, pois que, saída a escusa cancela da cerca... E, por momentos, sentiu um ódio feroz contra as feras que o esperavam — outros homens como ele.

Seria a última vez que veria o seu lar? A vez derradeira que...

Não quis pensar em mais nada... Fechou os olhos, abanou com força brutal a cabeça, para afugentar pensamentos que o enlouqueciam e, quasi a correr, alcançou a pequena saída do parque, junto da qual estava parado um «landau».

— Que horas são? — perguntou aos dois ocupantes do carro que como elle trajavam a banalissima sobrecasaca e o chapéu alto desses tempos.

— Vinte para as sete — respondeu um deles.

Lorval subiu para a carruagem na qual lhe foi dado, por um dos companheiros que se sentou no banco da frente, o lugar à direita do outro mais idoso.

— Para casa do doutor Nuno — ordenou ao cocheiro o homem que ia ao lado de Lorval. E o carro partiu veloz.

Ao oriente, por cima das colinas, começava a aparecer o disco brilhante do astro magnifico e criador que num fundo alaranjado subia por detrás de alongadas nuvens violetas. Era a vida, a vida que se apresentava no seu mais alto e belo simbolo ao desgraçado rei dos animas que em breve — quem sabe? — talvez fôsse morrer.

— Mas vocês não dizem nada? — exclamou o conde com azedume para os seus funéreos companheiros. E o mais velho, um homem de nariz aquilino e péra à Guise pronunciou qualquer afirmação ou pergunta que deu principio a uma conversa que somente era conversa pelo facto de ser permuta de palavras entre três criaturas.

Parou o carro junto da moradia do doutor Nuno, uma casinha branca, no meio de um pequeno jardim que a multidão de camélias, goivos e rosas tornava festivo.

O doutor, que à cancela já esperava os recém-chegados, saudou-os com gravidade, passou discretamente ao cocheiro uma maleta e subiu para o «landau».

— Para o Pinhal das Conchas — tornou o homem de péra à Guise a ordenar ao condutor. — E depressa: não há tempo a perder.

Este «depressa, não há tempo a perder» fez latejar as fontes de Lorval, que baixou a cabeça. O médico e o outro companheiro dirigiram um olhar de censura ao que acabava de falar, e o homem de nariz aquilino, o Marquês de Spitz, enrubescceu, alhou de soslaio o seu vizinho do lado e depois, procurando a vista dos outros, implorou-lhes mudamente que lhe valessen.

Mas Lorval, erguendo de novo a cabeça, disse para o médico:

— Amigo Nuno, o Marquês e aqui o Almeida estão uns grandes sensaborões. Diga você qualquer coisa.

E outra vez foi encetada uma conversa mole, cheia de reticências e lacunas, enquanto a carruagem com velocidade vertiginosa, doidamente vertiginosa para o conde, se aproximava do sítio onde o esperava o adversário com o qual ia travar bestial duelo de morte.

Nos últimos dois dias Lorval fôra hospede do Marquês de Spitz, que

reünira grande companhia para a sua caçada anual ao javali. E na tarde anterior, durante o almoço, tivera uma discussão com um tal senhor André, diplomata pouco escrupuloso, chegado há pouco das Françaes e espadachim emérito, o qual, finda a refeição, quando todos os convidados do Marquês se haviam já esquecido do incidente, se aproximou de Lorval e lhe apertou o nariz declarando que estava ao seu dispor para um duelo com uma só arma carregada.

O primeiro impulso do conde foi esbofetear o provocador, mas os espectadores da triste cena interpuzeram-se. Palavras soltas pelos contendores demonstraram que a pendência era mais complicada e mais antiga do que à primeira vista parecia; nomearam-se testemunhas e foi marcada a hora e local do duelo, tendo sido reconhecido ao conde o direito da escolha das armas, à sorte, no local do encontro.

Isto era em fins do século passado. Mas apesar de essa época poder distar de nós menos de cinqüenta anos, parece que os homens honrados de então não conheciam a coragem moral de se deixarem apellidar de cobardes pelos farsantes que lavam a honra com o sangue de um minúsculo ferimento, ou pelos bandidos, autores de crime premeditado, que são aquelles que, valendo-se da vantagem que sobre o adversário têm de conhecer melhor do que elle o manejo de determinada arma, o desafiavam para o terreno da vingança, convencionalmente denominado o campo de honra.

Este senhor André, porém, estava compreendido entre os dois extremos e por isso o poder-se-ia classificar, digamos, de valente poltrão.

Supunha elle que desafiando Lorval, casado havia pouco, para o mais odioso duelo que o miserável código de honra apresenta, o faria acobardar ante a perspectiva de uma morte certa, caso a sorte na escolha das armas lhe fôsse adversa. Enganara-se, porém, como sempre se enganara a respeito dêsse tipo franzino e moreno: Lorval era sufficiente fera, para não admitir que todas as outras feras verticais semelhantes, no meio das quais vivia, o pudessem acunhar de medroso.

E a bestialidade ia consumir-se. O «landau» que transportava Lorval e os seus companheiros parou perto da orla do pinhal, a uns dez passos de uma outra carruagem que trouxera o senhor André mais as suas testemunhas.

Os recém-chegados apearam-se e com hipócrita deferência tiraram o chapéu aos que os aguardavam. Almeida e o Marquês de Spitz, sobrando este o estôjo das pistolas devidamente selado, aproximaram-se das outras testemunhas com as quais tiveram uma breve conferência. Depois, Almeida e uma das testemunhas da parte adversa, dirigiram-se ao pequeno pinhal onde, ocultos da vista dos adversários, foram carregar uma das armas com projectil e a outra unicamente com cartucho desembalado. Entretanto o Marquês, eleito juiz do campo, acompanhado do outro amigo do senhor André, marcava o local preciso onde dai a instantes ia ser um homem assassinado.

O Dr. Nuno e a sua maleta de pensos e ferros eclipsara-se, pois que, segundo o código do duelo, não podia ser espectador do cometimento da infâmia.

Almeida e o companheiro surgiram do meio das árvores; fize-

ram sinal de que haviam findado a desagradável operação de que tinham sido incumbidos, e a outra testemunha correu a receber as armas, a fim de as entregar ao juiz de campo.

Os adversários aproximaram-se do local em que o Marquês esperava uma bengala com um lenço preso por uma das pontas.

Nem uma única palavra se trocara durante estas diabólicas manobras. Mas, por fim, o Marquês, aproximando-se dos adversários com as pistolas ocultas atrás das costas, dirigindo-se a Lorval, perguntou-lhe:

— Esquerda ou direita?

— Esquerda! — respondeu sem hesitar o marido de Dulce. E rejeitou a arma que o juiz de campo tinha na mão esquerda, enquanto o senhor André tomou posse da outra.

Uma das testemunhas apresenta um lenço aos dois adversários em que cada um pega por uma ponta com a mão esquerda e o estica, para marcarem a distância da qual o possuidor da pistola carregada varará o outro.

O juiz de campo profere as palavras sacramentais:

— Meus senhores, lembro-vos pela última vez de que a honra vos obriga a esperar pelo sinal que consiste em eu bater as palmas. Devem disparar logo que o oíçam.

Os adversários levantam os braços que empunham as armas, e as bocas delas ficam a não mais de quatro palmos do peito de cada um.

Neste momento supremo Lorval está perfeitamente calmo; com uma obstinação de louco sente a certeza de que é a sua a arma que está carregada e esta certeza faz-lhe esquecer o ódio pelo seu adversário e ouvir mentalmente a querida voz da sua loura Dulce

a segredar-lhe:

— Esquerda! Esquerda!

Mas uma detonação atira os ares. A passarada do pinhal, assustada, bate as asas, e Lorval leva a mão ao peito, porque nesse horroroso instante «sente» que foi varado.

— Miserável! — grita o Marquês de Spitz.

A vileza, a cobardia ou simplesmente os nervos do senhor André haviam-no feito disparar a sua arma antes do juiz de campo ter dado o sinal. Mas a arma de André era a que não tinha bala.

E Lorval, segundo manda o código de honra, tinha agora o direito de encostar a sua pistola à cabeça do adversário e conscienciosamente queimar-lhe os miolos.

Mas os quatro homens que serviam de testemunhas, mais o médico que apparecera ao ruído da detonação, ao todo cinco homens honrados, permitiriam elles que na sua frente fôsse praticado tão hediondo crime?

Permittam! Permittam, porque o código da honra dêles a isso os obriga.

Contudo, Lorval teve uma hesitação. Depois agarrou na mão direita do adversário — a mão que lhe tinha apertado o nariz e acabado de despedir o tiro — e premiu a boca da pistola contra o pulso do miserável.

La a dar ao gatilho, mas recordei-se de que era marido da loura e meiga Dulce, e o sangue subiu-lhe à face. Apontou a arma para o ar, disparou a bala que segundo o código de honra tinha o direito de meter na cabeça do angustiado canalha que na sua frente esperava a morte e, juntando na boca seca a maior quantidade de secreção que as suas glândulas salivares nesse momento lhe podiam tornecer, cuspiu na cara do senhor André.



NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas	Estações		
8.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22.40 Noticiário		Ondas médias	
		m. 221.1	
		m. 263.2	
0.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

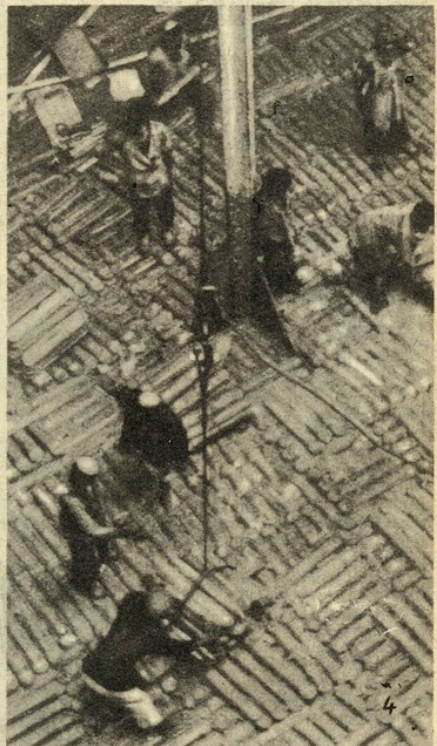
21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830



O AUXÍLIO DOS PAÍSES ALIADOS À RÚSSIA evidencia-se, principalmente, através da Pérsia e, por via marítima, pelos portos do Ártico. Nesta foto — que nos mostra uma longa fila de camiões americanos rolando nas estradas do Irão, em direcção à Rússia — e na página seguinte, vemos alguns aspectos das operações de envio de material para a Rússia.



UMA DAS MAIS VIOLENTAS FASES da batalha do Don desenrolou-se próximo de Tzymlyanskaya, onde os alemães atravessaram o rio e os russos lançaram contra-ataques. A foto dá-nos uma visão horrorosa do campo de batalha, onde, entre ruínas fumegantes, se amontoam os escombros.



1) A perda da Ucrânia, celeiro da Rússia, obriga os seus aliados a enviar-lhe não só material de guerra, mas também trigo. — 2) Os comboios ingleses transportam, dia e noite, as remessas de auxílio à Rússia para os portos de embarque. — 3) Noutros pontos, são verdadeiros exércitos de «chauffeurs» que recebem as encomendas para as fazer seguir ao seu destino. — 4) O chumbo para a Rússia é expedido, através do Golfo Pérsico, por grandes barcos. A foto mostra-nos um aspecto do carregamento de lingotes de chumbo no pórtico de Bender Shahjur.

Um grande toureiro em Lisboa

OS TOIROS, as mulheres e a família na vida de «El Andaluz»

Uma reportagem de José Luiz Ribeiro



M 12 do mês passado, estreou-se em Lisboa um toureiro desconhecido para o nosso público, mas que em Espanha já gosava de certa fama.

Para a população aficionada da nossa terra, passou despercebido o debut, mas para o reduzido número de espectadores que nessa tarde acudiu à praça do Campo Pequeno, o caso não foi tocado daquela vulgaridade que tanta vez nos aborrece.

O estreante era Manuel Alvarez «El Andaluz» que, com o simpático matador mexicano Carlos Arruza, ilustrara o «cartel» da corrida da alternativa do esperanças cavaleiro Alberto Luís Lopes, cujo acto foi apadrinhado por seu pai, o considerado artista António Luís Lopes.

O que sucedeu nessa tarde foi o contrário do que se tem visto nalguns espectáculos em que a enchente é trasbordante. Houve pouca gente, é certo, mas a corrida resultou magnífica, tendo «Andaluz» causado um clamoroso sucesso. E depois, era ver um sem número de pessoas que gostam de ver bons artistas, a corpir lamentos por não ter ido à corrida. Aficionados lisboetas houve que arranjaram as malas a caminho de Valência para assistirem às dez corridas da feira e de lá volveram entusiasmados, ao máximo, com o que viram a «Andaluz», numa confirmação absoluta do que a imprensa informou.

O formidável cronista D. Ricardo Garcia «K-Hito» que já na referência feita às corridas das festas pamplónicas, deste ano, na histórica Navarra, disse que «Andaluz» é um toureiro de alto relêvo, agora acrescentou:

«Pues andas pediendo guerra,
Que triunfo el tuyo Andaluz,
En esta bendita tierra
Del «arruz»!

O popular crítico valenciano «Recorte», não ficou atrás ao afirmar: «El Andaluz és el artista de las faenas archiemocionantes».

A praça de Valência leva 17.000 almas e os nossos compatriotas que ali estiveram, asseveram que ninguém ficou sentado durante as fases culminantes do trabalho de «Andaluz» o qual fazendo passar os touros tão cerca de si, duas vezes visitou a enfermaria, e numa tarde houve a necessidade de utilizar as calças dum «mono-sábio», tão destroçado ficara o «traje de luces».

O já famoso artista foi contratado para a corrida do jubileu da praça do Campo Pequeno e aproveitando a sua vinda a Lisboa, buscamos a ocasião propícia a uma colheita de impressões da mais flagrante oportunidade. O avião de Madrid chegara ao aeroporto da Granja do Marquês, à tabela, mas a camioneta que transporta os pas-

sageiros até aos escritórios da companhia na Avenida da Liberdade, é que não havia meio de surgir no horizonte.

Apareceu alfim. «Andaluz» trazia muitos horas de viagem, desde Bilbao onde toureara na véspera.

Necessitava descansar um pouco no hotel e, portanto, só depois o procurámos para «charlarmos». Percorremos as esplanadas «de los paraguas» — como lhes chamava Rafael «El Gallo» quando aqui esteve ultimamente — e a do Suíço e, por fim, proporcionou-se a ocasião no Gambrinus onde jantara nessa noite.

«Andaluz» não é de muitas palavras; possui, mesmo um feito um pouco concentrado, mas sempre ri-sinho. Tem apenas vinte e três anos de idade e nasceu no bairro de Triana, em Sevilha, o mesmo em que pela vez primeira viram a luz do dia, António Montes, «Curro Puya» e irmãos, «Maera» que tão bem fêz aos pobres de Lisboa, Juan Belmonte «El terramoto», e tantos outros toureiros de renome.

— Tem alguns ascendentes toureiros?

— Sim. Meu tio foi matador de touros, cujo apodo eu uso. Desde rapazinho que privo muito com êle e assim tenho vindo desenvolvendo a «aficion» que me domina.

O meu trisavô por parte de minha mãe, era Manuel Dominguez «Desperdicios».

Não é de admirar, pois, que seja puro o sangue toureiro que circula nas veias do jovem artista que no número dos seus antepassados conta uma tão célebre figura.

«Desperdicios» nasceu em Gelves, a mesma terra de Joselito «El Grande»; dispunha dum amor próprio profundo e era muito zeloso da sua honradez e valente como os maiores.



A chegada da camioneta da Companhia das Carreiras Aéreas. A expressão de «El Andaluz» que se mostra contente ao pôr pé em terra firme.



O grande toureiro, rodeado de amigos e admiradores numa das esplanadas de Lisboa.

Chamavam-lhe «Desperdicios» porque, quando rapaz, toureava tão bem que «no tenia desperdicio».

— Quando começou «Andaluz» toureando?

— Há seis anos. Em 1940 apresentei-me na Maestranza numa novilha com picadores.

— E a alternativa?

— Recebi-a das mãos de Vicente Barrera, em Março deste ano, numa das corridas das festas «falleras» em Valência.

— E a propósito de Valência, diga-nos o que se passou consigo na recente feira?

— Cumprindo o dever de toureiro que ama a sua arte, coleei-me aos touros, «y yá está»!...

— Qual dos touros toureou mais a gosto?

— O «Crocodilo», da ganaderia de Cabaleta.

— Um crocodilo?...

— Sim um ferocissimo animal, que era semelhante a outro que li-dei, no ano passado, em Bilbao, e era de Santa Coloma.

O público valenciano, depois de me serem outorgadas as orelhas do touro pedia mais, mais!

Então o presidente, abrindo os braços exclamou: — Desem-lhe tudo. Entregaram-me depois, as patas e o rabo do... «Crocodilo».

São momentos desta classe que marcam muitissimo na vida dum toureiro.

— Teve alguma tarde má na sua carreira?

— Até agora não passei pelo desgosto de ouvir um aviso sequer, e por isso mais me entusiasma o toureiro com o orgulho que consta deste «fandanguilho»:



«El Andaluz», sempre cortês, de passagem para o hotel, não quis deixar de saudar o em-pregário Crespo. Ao lado esquerdo da gravura vê-se o moço de estoques, Rafael Totosa, de boiça, com um certo ar flamenco

«Orgullo debe de tener Hermoso barrio de Triana, Onde nacen los toreros Y las gitanas más guapas, Envidia del mundo entero.»

Já que se falou de mulheres, veio a propósito a pergunta: — Pensa em constituir familia? — Mas são as minhas preocu-

pações e que se ligam inteiramente ao toureiro e à familia, mas é a que tenho em Sevilha formada pelos meus pais e nove irmãos, na maioria pequeninos. Tenho um mais velho que é bandarilheiro e um outro íngis novo do que eu, que está ingressando na «novileria».

— «Vaya una familia de toreros», observou o aficionado que se

sentara ao lado de «Andaluz», o sr. Sobral que é chefe de familia e muito sente estas expansões que visam os que nos são queridos.

E ficámos sabendo que «Andaluz» não tem projectos de casamento, entregando-se, por enquanto, à sua arte tão difícil, como perigosa, para, com ela, manter os seus progenitores e os irmãositos.

BBC
A VOZ DE LONDRES
fala e o mundo acredita

Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
11.45	Noticiário	G R U	31.75 m. (9,45 mc/s)
		G R V	24.92 m. (12,04 mc/s)
13.15	Noticiário	G R Z	13.86 m. (21,64 mc/s)
		G R U	31.75 m. (9,45 mc/s)
13.30	Actualidades	G R V	24.92 m. (12,04 mc/s)
		G S B	31.55 m. (9,51 mc/s)
22.00 (*)	Noticiário	G R X	30.96 m. (9,69 mc/s)
		G R T	41.96 m. (7,15 mc/s)
22.15 (*)	Actualidades	G S B	31.55 m. (9,51 mc/s)
		G R T	41.96 m. (7,15 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

APROVEITE AS SUAS FERIAS

APRENDA LÍNGUAS

Com os cursos completos em

DISCOS

À maneira mais prática, rápida e perfeita

Milhares de pessoas têm seguido este método com absoluto êxito. Não há outro que permita em curto espaço de tempo, com pouco esforço e despesa mínima, adquirir pronúncia impecável, vocabulário abundante e prática para falar e escrever correctamente.

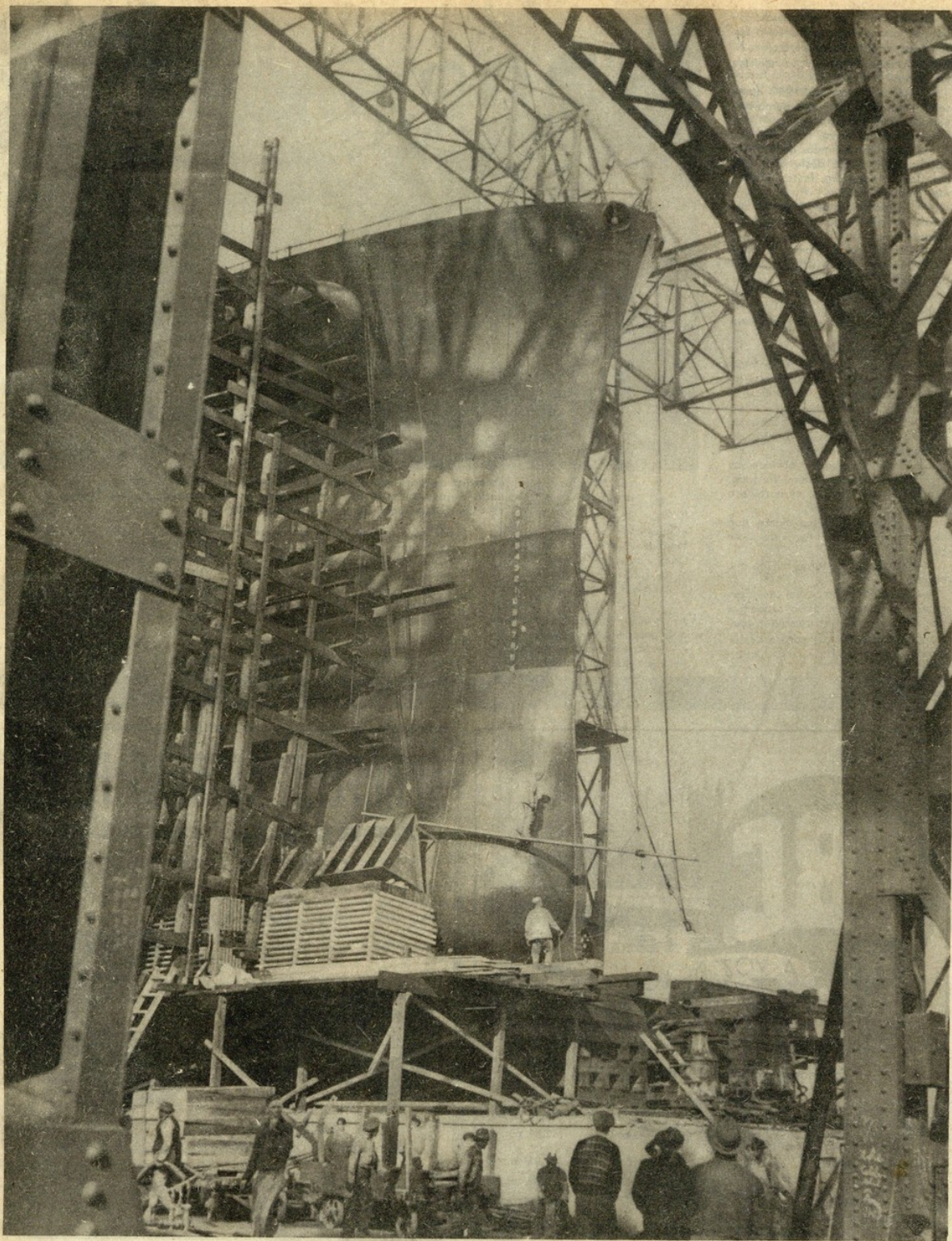
DETALHES E DEMONSTRAÇÕES

— NOS —

EST. VALENTIM DE CARVALHO

RUA NOVA DO ALMADA, 97

LISBOA



a América
constroie sempre
mais navios

Vida
MUNDIAL
e ilustrada

PROSEGUINDO, EM RITMO ACELERADO, no programa de construção da nova esquadra dos dois oceanos, os Estados Unidos lançam todos os meses à água novos barcos de guerra. Nesta página vemos um aspecto do estaleiro onde está a construir-se um novo couraçado de 35.000 toneladas — o «Indiana».